PUREZA: UM PEDACINHO DO BRASIL

TARCICLEIDE BATISTA DE FIGUEIREDO
ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

editora FAMEN

CONSELHO EDITORIAL

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Professor Doutor Manuel Tavares (Universidade Nove de Julho – Brasil)
Professor Doutor Bento Duarte da Silva (Universidade do Minho – Portugal)
Professor Doutor Dionísio Luís Tumbo (Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique)
Professor Doutor Gabriel Linari (Universidade de Buenos Aires – Argentina)
Professora Doutora Cristina Rafaela Riccí (Universidade Nacional de Lomas de Zamora – Argentina)
Professor Gustavo Adólfo Fernández Díaz (Centro de Formación Técnica de la Pontificia Universidad Catolica de Valparaiso – Chile)
Professor Manuel Teixeira (Instituto Superior de Ciência de Educação – Angola)
Professora Doutora Antonia Dalva França Carvalho (Universidade Federal do Piauí – Brasil)
Professora Doutora Elda Silva do Nascimento Melo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil l)
Professora Doutora Karla Cristina Silva Sousa (Universidade Federal do Maranhão – Brasil)
Professora Doutora Márcia Adelino da Silva Dias (Universidade do Estado da Paraíba – Brasil)
Professor Doutor Adir Luiz Ferreira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)
Professora Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil)
Professora Doutora Lucila Maria Pesce de Oliveira (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

Comitê Científico da Área de Ciências Humanas

Presidente: Professora Doutora Juliana Alencar de Souza (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Psicologia / Educação)
Professor Doutor Júlio Ribeiro Soares (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Educação / Psicologia)
Professora Doutora Leila Salim Leal (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Comunicação Social)
Professora Doutora Christiane Mylena Tavares de Menezes Gameleira (Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Engenharia Civil)
Professor Doutor José Rodolfo Lopes de Paiva Cavalcanti (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Psicobiologia)
Professora Doutora Kadydja Karla Nascimento Chagas (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Educação Física)
Professor Doutor Avelino de Lima Neto (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Filosofia)
Professor Doutor Sérgio Luiz Bezerra Trindade (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – História)
Professor Doutor Eduardo Henrique Cunha de Farias (Centro Universitário do Rio Grande do Norte – Biologia)
Professor Doutor Bruno Lustosa de Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Física)
Professora Doutora Maria da Conceição Monteiro Cavalcanti (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Administração)
Professor Doutor José Moisés Nunes da Silva Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Matemática)
Professora Doutora Francinaide de Lima Silva Nascimento Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Educação)
Professor Doutor José Paulino Filho (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – Matemática)
Professor Doutor Marcos Torres Carneiro (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Educação)
Professora Maria Judivanda da Cunha (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Biologia)
Professor João Maria de Lima (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte – Linguística)
Professor Eric Mateus Soares Dias (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Gestão Ambiental / Estudos Urbanos)
Professor Adriel Felipe de Araújo Bezerra (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN – Sociologia / Antropologia)
Professor Luiz Antonio da Silva dos Santos (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Educação / Teologia / Informática)
Professora Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza (Faculdade do Maciço do Baturité – Educação / Psicopedagogia)
Professora Valdete Batista do Nascimento (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Direito / Filosofia)
Professor Bernardino Galdino de Sena Neto (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – História / Gestão Pública)
Professora Wendella Sara Costa da Silva (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – Geografia

editora FAMEN

TARCICLEIDE BATISTA DE FIGUEIREDO

ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES
Autoras e organizadoras

Pureza: um pedacinho do Brasil

(1º Edição – Ano 2021)
https://www.editorafamen.com.br

Comitê Editorial

Editora-Chefe: Professora Doutora Andrezza M. B. do N. Tavares, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Editor Adjunto: Professor Doutor Fábio Alexandre Araújo dos Santos, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Diagramação e Projeto Gráfico: Alexsandra Santana dos Santos
Normalização Bibliográfica: Miqueias Alex de Souza Pereira
Revisão de língua portuguesa: Professor Doutor Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Produção de Abstract: Professora Dra. Priscila Tiziana Seabra Marques da Silva Aliança, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Arte e Capa: Eddean Riquemberg C. Xavier

DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2021.l2

Catalogação da Publicação na fonte

F475 Figueiredo, Tarcicleide Batista de.
Pureza: um pedacinho do Brasil [E-book] / Tarcicleide Batista de Figueiredo, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. – Natal, RN: Editora Famen, 2021.
26,1 Kb ; PDF

ISBN 978-65-87028-03-3
DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2021.l2

1. Patrimônio imaterial. 2. História local. 3. Antropologia cultural. I. Tavares, Andrezza Maria Batista do Nascimento. II.Figueiredo, Tarcicleide Batista de.

CDD 370.1 (1.ed)
CDU 370

editora FAMEN

Rua São Severino, N. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP 59060-040, CNPJ 23.552.793/001-57, Inscrição Estadual 204392322, Inscrição Municipal 2142633, editora@famen.edu.br e telefone (0xx84) 3653-6770.

RESUMO

O livro on-line **Pureza: um pedacinho do Brasil** consiste em uma pesquisa de campo de inspiração antropológica cultural sobre o patrimônio imaterial do município de Pureza, no Rio Grande do Norte (RN). As ideias presentes nas seções do texto se estruturam a partir das questões problematizadoras: 1) Quais as características de diferentes aspectos (história, cultura, economia, educação, arquitetura, meio ambiente, lendas, mitos, costumes, entre outros) de Pureza no tempo passado? 2) Como viviam os seus primeiros moradores? 3) O que de ontem permanece presente em Pureza hoje? O objetivo central do manuscrito é socializar elementos de uma pesquisa de campo realizada em Pureza, a qual investigou sobre os aspectos históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos e educacionais do município. A motivação para o procedimento investigativo partiu da vivência das autoras com o componente curricular "Metodologia Científica" na experiência do curso de Pós-Graduação em "Educação Inclusiva e Libras" da Faculdade FAMEN. A pesquisa foi iniciada no início do ano de 2020 e transcorreu até o início do segundo semestre do ano de 2021. Metodologicamente, se configura por meio de abordagem qualitativa e tipo de investigação exploratória, com o desenvolvimento das técnicas revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo de inspiração etnográfica. O manuscrito ressalta a importância do trabalho de campo inspirado na etnografia enquanto metodologia que permite revelar profícuos conhecimentos sobre problemáticas centrais relacionadas às identidades e aos desafios enfrentados pelas comunidades. Ademais, importa realçar que o estudo perspectivado na valorização da história local possibilitará contribuições, sobretudo, para a formação cidadã dos estudantes das escolas purezenses que poderão acessar as constatações da pesquisa a partir de proveitosas vivências formativas nos currículos das escolas públicas do município posto cientificamente em destaque.

***Palavras-chave**:* Patrimônio imaterial. História local. Antropologia cultural. Pureza. Rio Grande do Norte. Brasil.

ABSTRACT

The online book “Pureza: a little piece of Brazil” consists of a field research of cultural anthropological inspiration on the intangible heritage of the town of Pureza in Rio Grande do Norte (RN). The ideas present in the text sections are structured from the problematizing questions: 1) What are the characteristics of different aspects (history, culture, economy, education, architecture, environment, legends, myths, customs, among others) of Purity in the past? 2) How did its first residents live? 3) What remains present in Purity today? The main objective of the book is to socialize elements of a field research carried out in Pureza that investigated the historical, cultural, political, social, economic and educational aspects of the municipality. The motivation for the investigative procedure came from the experience of the authors with the curricular component “scientific methodology” in the experience of the Postgraduate Course in “Inclusive Education and Libras” at FAMEN College. The research started in the beginning of the year 2020 and ran until the beginning of the second semester of the year 2021. Methodologically, it is configured through a qualitative approach and type of exploratory investigation with the development of bibliographic review, document analysis and research techniques. field of ethnographic inspiration. The book emphasizes the importance of fieldwork inspired by ethnography as a methodology that allows us to reveal fruitful knowledge about central issues related to the identities and challenges faced by communities. Furthermore, it is important to emphasize that the study with a view to valuing local history will enable contributions, above all, to the citizenship education of students from Pureza schools, wich will be able to access the research findings and carry out fruitful educational experiences in the curriculum of public schools in the referred municipality.

***Keywords**:* Intangible heritage. Local history. Cultural anthropology. Pureza. Rio Grande do Norte. Brazil.

APRESENTAÇÃO

Tarcicleide Batista de Figueiredo
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

> “A escrita inicial foi para a escrita de um resumo sobre a memória de Pureza para integrar a agenda escolar dos estudantes da rede municipal de Pureza/RN, em 2006. Depois, uma grande entrega para conhecer ampliadamente sobre conteúdos e acontecimentos históricos municipais. **Pureza: um pedacinho do Brasil** revela aspectos do que estava escondido e instiga a curiosidade dos leitores sobre o que virá”. (Tarcicleide Figueiredo).

> “A segunda escrita foi para proceder com os desafios solicitados pelo componente ‘Metodologia Científica’ vivenciado em um curso de especialização, Pós-graduação *lato sensu,* na Faculdade FAMEN. A produção do livro autoral, na versão online, iniciou em 2020. Nesse contexto, a sistematização do manuscrito potencializou o espírito investigativo para a sistematização do patrimônio imaterial de Pureza/RN. O objetivo da pesquisa expressa neste livro eletrônico é despertar os sentidos e o gosto pela identidade do povo purezense”. (Andrezza Tavares).

Pureza: um pedacinho do Brasil é um manuscrito publicado em formato on-line que socializa conteúdo e acontecimentos relacionados ao patrimônio imaterial do município de Pureza, localizado no estado do Rio Grande do Norte (RN), no Brasil. As ideias presentes no livro foram sistematizadas a partir da realização de trabalho de campo, da reflexão sobre achados em fontes primárias e da escuta de narrativas de interlocutores purezenses que compartilharam conhecimentos e acontecimentos do passado e do presente sobre o município.

Os bens de natureza imaterial ou cultural dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Ainda nas primeiras páginas desta obra, em que as autoras socializam ricos aspectos do patrimônio imaterial do município de Pureza, cabe ressaltar o sentimento de gratidão às dezenas de pessoas que colaboraram para a concretização do manuscrito inspirado nas práticas da antropologia cultural e crítica.

Agradecimentos por Tarcicleide Figueiredo

Ao meu avô, Luís Alves Batista (*In Memoriam*), o Pixilinga, como era carinhosamente chamado pelos purezenses. A minha afeição e respeito. Meu avô infundiu em mim o amor pela leitura, o gosto pelos contos, o deslumbramento pela música, o desejo pelo conhecimento e o prazer pela descoberta.

A meu esposo Jonadabe pela paciência e incentivo nas inúmeras noites de estudo quando a exaustão me tomava conta e ele me punha para dormir. Seu apoio foi muito importante para que eu pudesse continuar. Obrigado meu amor.

Aos meus filhos: Kézia, Kássia, Jordão Abner e Abinadabe. Meus amores, não tenho como agradecer o apoio e o entendimento pelas ausências que a pesquisa me exigia. Todo o meu amor eterno.

Aos meus pais e meus irmãos “Usinho e Ninho” que com muito amor acreditam em cada projeto que enfrento, me encorajando sempre a seguir em frente.

À amiga e professora Célia Maria Tavares, figura primordial neste projeto, que sempre esteve à nossa disposição, realizando o trabalho minucioso de revisão e colaboração textual.

À amiga idealizadora e incentivadora que insistentemente acreditou que o projeto poderia ir muito além, alçando voos inimagináveis. Uma pessoa que em todo momento acreditou na importância desse manuscrito sobre a história de Pureza. Professora Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, não tenho palavras para agradecer por todo o incentivo e dinamismo que tornou possível este projeto on-line em sua coautoria por meio da editora FAMEN. Muitíssimo obrigada!!!

Ao amigo e Secretário de Educação, João Maria Tavares, carinhosamente chamado de Joca, que me possibilitou o tempo necessário para a escrita e muita paciência para a conclusão deste segundo projeto.

A todos aqueles que diretamente e indiretamente também contribuíram na busca de informações e nas contribuições de materiais para enriquecer o livro, muitíssimo obrigado.

E às meninas “migas loucas”, pessoas mais que especiais, que me apoiaram, choraram e estiveram firmes nas nossas correntes de oração às segundas-feiras. Essas amigas me deram norte nos momentos críticos e acreditaram na potência de nosso voo. Minha gratidão sincera para Annamary do Nascimento Oliveira, Karina Clemente dos Santos, Nádia Cristina dos Santos Dantas Ferreira, Maria Franciane Ferreira, Maria Marilda Silva da Rocha, Liliane Silva Câmara de Oliveira, Alana Pauline Silva de Carvalho, Viviane Fernandes de Oliveira e Raissa de Araújo de Oliveira.

A 하나님, o meu maior agradecimento, pois, em vários momentos quase desisti, porém, maravilhosamente a energia das bênçãos me iluminou e tudo recomeçava a fluir plenamente. 예수님, 감사합니다!!!

Agradecimentos por Andrezza Tavares

Inicialmente, agradeço afetuosamente aos cidadãos e cidadãs purezenses, pela forma acolhedora com que recebem os amigos visitantes e pelo exemplo de valentia, firmeza e potência de vida que exalam; e ao universo, por me conectar ao município de Pureza.

À Tarcicleide Batista Figueiredo, pela postura antropológica cultural que assumiu quando decidiu garimpar dados e reuni-los para integrar peças que desvelassem a história e a memória do município de Pureza. Uma professora e pesquisadora, filha de Pureza, que desde 2006, pesquisa e registra sobre a história de seu município. Querida Tarcicleide, quando tomei conhecimento dos seus esforços educativos, tive a convicção de que o meu lugar no território Purezense era ao seu lado. Poder colaborar para que a sua missão histórica seja consolidada, na perspectiva cocriativa, é uma experiência de valor inestimável para a minha jornada de pesquisadora.

Ao meu esposo, Francisco Kayrim Medeiros da Silva, vice-prefeito do município de Pureza, gestor municipal no interstício de 2020 a 2024, que escolheu **Pureza: um pedacinho do Brasil** para amar e para colaborar incondicionalmente com o progresso local e de seu povo. A nossa história iniciou em Pureza, ano 2004, quando ele atuava como procurador do município e eu atuava como professora do componente curricular “Ensino de História I e II”, por meio do Programa PROBÁSICA da UFRN. Podemos afirmar que, desde 2004, assumimos a cidade das águas cristalinas como a nossa

segunda identidade estadual. É incrível perceber o aprofundamento de nossos vínculos com um lugar tão doce, cristalino e acolhedor!

Por fim, aos gestores e aos trabalhadores das importantes instituições: 1) o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e 2) o Museu Câmara Cascudo, pela cedência dos documentos fontes necessários para os desdobramentos da pesquisa de campo que realizamos sobre Pureza; e 3) a Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, por proporcionar a inclusão de centenas de purezenses no ensino superior por meio do acesso aos cursos de Pedagogia e de Pós-Graduação *lato sensu*, assim como à equipe orgânica da Editora FAMEN. Graças ao esforço dessa equipe editorial, comprometida com inclusão social e produção bibliográfica de alto impacto, que a difusão desse manuscrito on-line se tornou possível. Nossa Gratidão mais profunda às instituições mencionadas!!!

Finalmente, cumpre destacar que as autoras do manuscrito reconhecem com humildade que a história de Pureza ainda possui muitos aspectos que precisam ser desvelados, porém, acreditam também que, a partir da atividade de imersão cultural realizada, conseguiram proceder com importante colaboração para a afirmação da identidade dos purezenses e para a sistematização da memória dos filhos potiguares!

PREFÁCIO

Você que é filho de Pureza, já sentiu curiosidade para saber sobre: 1) Quais as características de diferentes aspectos de Pureza (lendas, mitos, cultura, economia, arquitetura, costumes etc.) no tempo passado? 2) Como viviam os seus primeiros moradores? 3) O que de ontem permanece presente até a atualidade?

E você que não é filho de Pureza, mas que se relaciona com o lugar, ou já ouviu falar, já ficou curioso por conhecer um pouco sobre a história desse lugar? Saibam que é possível chegar a várias reflexões sobre esses questionamentos com a leitura das laudas desse manuscrito on-line.

O manuscrito **Pureza: um pedacinho do Brasil**, das professoras Tarcicleide Figueiredo e Andrezza Tavares, é um livro digital pioneiro em estabelecer a ponte entre o ontem e o hoje de um lugar situado na região do Mato Grande, no estado do Rio Grande do Norte. O livro promove a intersecção entre a informação e a descoberta da história local, por meio de uma jornada que revela sonhos, desejos e o abundante exercício de imaginação.

As autoras são professoras e pesquisadoras que atuam, respectivamente, na Secretaria Municipal de Educação de Pureza (SMEP) e no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A produção apresenta importante encadeamento lógico de conteúdo, articula esforços reflexivos e técnicos para que fosse possível que o manuscrito circulasse no planeta por meio da internet. É um presente cognitivo para os caríssimos leitores, ávidos por conhecerem a memória local do Rio Grande do Norte.

É pensando nos benefícios dos conteúdos e nas expectativas geradas a partir do título que se percebe como o leitor só tem a ganhar com a leitura da obra. Dessa forma, antecipamos alguns aspectos que serão abordados com a evolução da narrativa, a saber: a localização de Pureza no Rio Grande do Norte; emancipação política; bandeiras e brasões; hino cívico municipal; relatos históricos, políticos e educacionais; entre outras pautas, como as belezas naturais do lugar que atraem turistas do mundo todo.

O conteúdo do manuscrito começou a ser organizado a partir de um convite desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2005, com a missão de organizar informações sobre o município para serem impressos junto às agendas das escolas municipais de Pureza. Assim, iniciou-se a percepção de que haviam

discrepâncias entre as histórias que eram contadas pelas pessoas mais velhas do município e os conteúdos pesquisados, a partir de fontes documentais que foram consultadas, a pedido da Secretaria de Educação, para fins pedagógicos nas escolas. Foi a partir do contexto das demandas escolares que se alargou a necessidade de aprofundamento do saber sobre os fatos objetivos relacionados à história de Pureza.

O movimento de busca para contar a história de Pureza envolveu viagens para o município de Touros, para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em Natal, para o município de Ceará-Mirim e, também, para o município de Taipu. Foi montando um grandioso e complexo quebra-cabeça que descobrimos que a história de Pureza era larga, muito rica e cheia de detalhes. Foi nesse desafiante cenário que despontou a ideia da edição do livro impresso, incialmente publicado pela autoria individual de Tarcicleide Figueiredo, e, mais adiante, despontou a ideia da edição do livro on-line publicado em parceria pelas professoras pesquisadoras Tarcicleide Figueiredo e Andrezza Tavares.

O conteúdo deste livro sobre a história de Pureza só foi possível de ser sistematizado a partir da escuta de pessoas estratégicas, como os familiares do primeiro prefeito Onofre Soares Júnior, da análise de achados como documentos e fotos, e do acesso de ricas narrativas compartilhadas por populares e autoridades. Ademais, a pesquisa envolveu análise de arquivo morto da prefeitura, patrimônio guardado em uma sala com inúmeras pastas de acervo documental. A consulta a esses documentos rendeu uma imersão de pesquisa que perdurou por, aproximadamente, seis meses.

Para a elaboração da primeira edição do livro, conforme já pontuamos, que foi publicado na versão impressa, foram necessários quatro anos de imersão autoral. A tiragem foi limitada, apenas 100 (cem) exemplares. Porém, cada dia mais pessoas e instituições ligadas ao município de Pureza seguiram solicitando o recebimento da obra. Diante dessa necessidade de socialização da história e da memória do lugar, bem como da presença da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) no município, em Pureza, quando ocorreu a reaproximação das professoras Tarcicleide Figueiredo e Andrezza Tavares, o dilema foi dirimido, pois o contexto acadêmico criado a partir de um curso de Pós-Graduação em “Inclusão Escolar e Libras” possibilitou que as pesquisadoras se vinculassem para retomar a organização e a atualização das ideias do manuscrito, com o intento de promover um novo lançamento do livro, desta vez, na versão on-line.

A segunda versão do livro, além de contar com a atualização do conteúdo, foi editada para o ambiente on-line com infinita possibilidade de difusão e de socialização do conhecimento. É importante destacar que a atualização da obra se relaciona com o contexto da produção pedagógica e científica referente à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduanda Tarcicleide Figueiredo que, na ocasião, foi orientada pela Professora Doutora Andrezza Tavares. Na ocasião da finalização do mencionado curso de Pós-graduação, Tarcicleide optou por retomar, ressignificar e ampliar o seu trabalho de pesquisa histórica em Pureza a partir da cuidadosa e competente orientação da Professora Dra. Andrezza Tavares. A união dos esforços autorais findou por recuperar o importante projeto cultural iniciado em Pureza e que, em seus entendimentos, precisava ser retomado para o prosseguimento da preservação do patrimônio imaterial da cidade, é nessa articulação efervescente que nasce o livro on-line **Pureza: um pedacinho do Brasil.**

A versão eletrônica do manuscrito apresenta um conteúdo criativo, interativo e inovador. A experiência de leitura proporciona o deguste do delicioso saber local sobre Pureza/RN. Como professores da rede municipal de Pureza e da rede federal de educação profissional, as autoras entendem e afirmam que ainda há muito a ser feito pelo patrimônio imaterial purezense, pois a cada dia surgem novos conteúdos e acontecimentos locais. Todavia, o manuscrito organiza e encaixa importantes peças da história local e, com isso, potencializa a cidadania e a identidade cultural. Gratidão às autoras deste manuscrito!!!

Célia Maria de Oliveira Tavares

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
1.PRIMEIROS HABITANTES INDÍGENAS 19
2.HISTÓRIA DO NOME DO MUNICÍPIO 22
3.LEI DE FUNDAÇÃO MUNICIPAL: LEI Nº 2.882 DE 05 DE ABRIL DE 1963 25
4.SIGNIFICADO DO BRASÃO MUNICIPAL 27
5.SIGNIFICAÇÕES DA BANDEIRA 28
6.HINO CÍVICO 29
7.RELAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COM OS TRÊS PODERES.... 31
8.HISTÓRIA DA PRIMEIRA GESTÃO MUNICIPAL 32
9.GALERIA DOS GESTORES MUNICIPAIS 46
10.HISTÓRIA DA SEDE DO PODER EXECUTIVO MUNICIPAL..... 50
11.ASPECTOS GEOGRÁFICOS 54
12.HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 59
13.FEIRA LIVRE, COMÉRCIO E TURISMO 64
14.ABASTECIMENTO DE LUZ DA COSERN..... 66
15.ABASTECIMENTO DE ÁGUA DA CAERN 67
16.SERVIÇO DE MEIOS DE TRANSPORTES 68
17.PRINCIPAIS FESTAS POPULARES E RELIGIOSAS 69
18.HISTÓRIA DO ESPORTE 74
19.FERIADO MUNICIPAL 77
20.ORIGEM DO NOME DAS RUAS 78
21.DISTRITOS E ASSENTAMENTOS DE PUREZA 81
22.HISTÓRIA DA AGROINDÚSTRIA..... 83
23.A HISTÓRIA DA RELIGIOSIDADE 85

24.LENDAS E CAUSOS 92

25.PUREZA TRADUZIDA EM VERSOS DE POESIA..... 97

26.CENTRO CULTURAL MARIA LETICE SILVA DO NASCIMENTO 102

27.CONSIDERAÇÕES FINAIS 104

REFERÊNCIAS..... 107

PÓSFACIO..... 109

ÍNDICE REMISSIVO 111

SOBRE AS AUTORAS..... 112

INTRODUÇÃO

Tarcicleide Batista de Figueiredo
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

Este livro foi produzido para ser apreciado por pessoas que amam história, memória, e que anseiam por aprender mais sobre a identidade cultural potiguar. Pureza é um município que pertence à região do Mato Grande no estado do Rio Grande do Norte. Os filhos dessa terra são resistentes, vibrantes e hospitaleiros.

As ideias que impulsionaram a escrita do manuscrito se estruturam a partir das questões problematizadoras: 1) Quais as características de diferentes aspectos (história, cultura, economia, educação, arquitetura, meio ambiente, lendas, mitos, costumes, entre outros) de Pureza no tempo passado? 2) Como viviam os seus primeiros moradores? 3) O que de ontem permanece presente em Pureza hoje? 4) Seriam verdadeiras as histórias dos antigos purezenses que ativavam o imaginário das suas crianças? 5) Quais os principais artefatos, mitos, memórias e acontecimentos que permeiam o imaginário popular dos purezenses?

O livro on-line **Pureza: um pedacinho do Brasil** consiste em uma pesquisa de campo de inspiração antropológica cultural sobre o patrimônio imaterial do município de Pureza no Rio Grande do Norte (RN). Santos (1994) é um dos autores que argumenta sobre a importância e a utilidade do trabalho de campo antropológico em comunidades para desvelar os aspectos culturais da realidade local.

O objetivo central do manuscrito é socializar elementos de uma pesquisa etnográfica realizada em Pureza, a qual investigou sobre os aspectos históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos e educacionais do município. A motivação para o procedimento investigativo partiu da vivência das autoras com o componente curricular “Metodologia Científica” na experiência do curso de Pós-Graduação em “Educação Inclusiva e Libras” da Faculdade FAMEN. A

pesquisa foi iniciada no início do ano de 2020 e transcorreu até o início do segundo semestre do ano de 2021.

Em síntese, metodologicamente, a investigação se configura por meio de abordagem qualitativa e tipo de investigação exploratória, com o desenvolvimento das técnicas revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo de inspiração etnográfica. O manuscrito ressalta a importância do trabalho de campo inspirado na antropologia cultural etnográfica enquanto tipo de pesquisa que permite revelar profícuos conhecimentos sobre problemáticas centrais e sobre identidades comunitárias.

Foram grandes os esforços investigativos das autoras para reunir informações sobre as raízes da cultura local de Pureza. No movimento de reunir fatos, fotos, documentos e depoimentos não é pretensão das autoras apontar respostas para a totalidade das curiosidades, mas problematizar conteúdos que sirvam de ponto de partida para estudos futuros que aprofundem a compreensão da história de pureza.

Salientamos ainda que muitos dados presentes no livro on-line foram preservados conforme mencionados pelas fontes originais. A história do município de Pureza já se expressava por meio de um manuscrito impresso, de autoria individual de Tarcicleide Figueiredo. Porém, em virtude da dificuldade de difusão, a autora se reuniu com a professora pesquisadora Andrezza Tavares e, juntas, procederam com a atualização e a edição no formato virtual da obra, esforço que intenciona coroar os munícipes de Pureza a partir do acesso ampliado da história do lugar. O silêncio sobre a memória de um lugar pode ser comparado com um tesouro secreto e que foi inexplorado por muito tempo.

Os capítulos do livro expressam a rica história de Pureza, lugar privilegiado com a presença de uma remanescente de água que jorra o minério da vida a milhares de anos. O olheiro de Pureza ao longo de seu leito mata a sede, irriga a terra de agricultores familiares, irriga engenhos de cana-de-açúcar, alegra e diverte o povo potiguar.

O estudo perspectivado na valorização da história local possibilita contribuições, sobretudo, para a formação cidadã dos estudantes das escolas purezenses que poderão acessar as constatações da pesquisa a partir de

proveitosas vivências formativas nos currículos das escolas públicas do município.

Para finalizar as linhas introdutórias, um último e importante destaque: quando frequentar Pureza, visite a fonte de águas cristalinas e medicinal, não é preciso pagar para tocar em suas águas, mas saiba que ali repousa um rico ecossistema que necessita de preservação. A fonte é a razão do município de Pureza existir!!!

Desejamos uma boa leitura.

1.PRIMEIROS HABITANTES INDÍGENAS

Sobre o passado indígena purezense, pesquisadores afirmam a existência da tribo indígena conhecida como “Tapuios” ou caboclinhos. Muito valentes e organizados, os Tapuios moravam abaixo do chão. Eles habitavam galerias. Os Tapuios só saíam à noite para buscar água e se alimentar. Conta-se que um residente de Pureza descobriu duas moradias dos Tapuios. Uma se localiza na fonte, onde hoje é o Centro de Turismo, e a outra se localiza na residência de um antigo morador. O termo tapuio é expressão designativa de um vocábulo de origem tupi, corruptela de tapuy-ú, o gênio bárbaro come, onde vive o gentio.

Foto da gruta dos Suçuatins em Boa Cica – Touros/RN (2009)

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

As residências indígenas segundo os moradores mais antigos que foram encontradas em Pureza têm a mesma estrutura das construídas pelos Suçuatins em Boa Cica. A presença de índios em Pureza é mencionada no livro de Nilson Patriota, que escreve acerca dos índios de Boa Cica e das tribos espalhadas nos incógnitos povoados.

Os “Suçuatins” escrevem:

> [...] só tomaram conhecimento desta tribo por causa da descoberta de um mapa confeccionado em 1579 em Dieppe, na França. Confeccionado pelo cartógrafo Jacques Vaudecley, supõem-se que, para fazê-lo, Jacques fizera uma estadia demorada no Nordeste do Brasil. Este mapa contém abundâncias de detalhes sobre onde seria o local mais propício para uma invasão das tropas francesas. Ele cita os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e parecia conhecer praticamente todas as aldeias indígenas, tanto as tribos potiguares espalhadas pela costa, quanto as que habitavam pelo interior, sendo, segundo o cartógrafo, o reino das nações Tapuias.

Os purezenses mais antigos também afirmam que existiam moradas indígenas tanto no Tabuleiro, como no Cururu e em Tapera. A habitação era um tipo de gruta feita no chão com várias entradas. Nos três lugares citados, após observações antropológicas, foram encontrados utensílios de usos domésticos como: panelas de barro, cachimbo e outros.

O extermínio dos índios no Estado do Rio Grande do Norte teve início (com maior proporção) no século XVII. A guerra entre portugueses e holandeses, além de outras causas, forçou a emigração de um grande contingente de indígenas para outros lugares, como a Paraíba e, principalmente, o Ceará.

Ao abordar sobre o declínio da população indígena, a professora Fátima Lopes diz que, de acordo com informações de Jesuítas, datadas do início da colonização ao século XVIII, havia uma grande quantidade de índios na região litorânea do Estado do RN. Só nas imediações de Natal, eram cerca de 6 mil nativos em, aproximadamente, cem aldeias. Diz ainda, que, em 1603, vinte e seis aldeias dos potiguaras haviam desaparecido.

Em 1613, dez anos depois, eram apenas oito aldeotas. Em 1627, Domingos da Veiga Cabral relata que havia “pouco mais de 300 flecheiros divididos entre quatro

aldeias. Costumava haver uma quantidade tão grande deles, que seus números não eram conhecidos”. O número de aldeamento foi corrigido em 1639, por Adriaen Van der Dussen (Drussen), de acordo com o seu Relatório sobre as Capitanias Conquistadas no Brasil, eram cinco. O censo de 1844 registrou pouco mais de seis mil indígenas na Província. Luiz da Câmara Cascudo afirma que já no século XIX não havia mais comunidades indígenas no Estado do Rio Grande do Norte.

Essas histórias se perderam no tempo, pois tribos inteiras foram dizimadas, tanto por colonizadores quanto por fazendeiros que cobiçavam suas terras. Em Pureza não aconteceu diferente. Sobre esse assunto é importante ressaltar que, após a vigência da Constituição Federal Cidadã no Brasil, em 1988, as comunidades indígenas e quilombolas estão retomando suas identidades culturais, paulatinamente, por meio de movimentos auto afirmativos. Essa história de ressurgência dos povos dizimados merece o aprofundamento da discussão, pois realça o poder da resistência.

2.HISTÓRIA DO NOME DO MUNICÍPIO

A grafia indígena é *Boixununguape*, de *mboixinun-gua-pé*, no vale ou na baixada de cascavel. Os primeiros habitantes de Pureza habitavam as margens do rio Maxaranguape, que nasce na povoação de Pau Ferro. Em 1832, esse local possuía 44 casas e 223 habitantes. Atualmente, esse lugar corresponde à Vila de Maxaranguape. A princípio, essas casas do povoado Pau Ferro constituíram um distrito de Paz pelo Decreto 110, de 23/05/1891, designando o lugar de "povoação de Pureza". Mais adiante, foi publicado um outro Decreto-Lei nº 603, de 31/10/1938, com o nome de "Pureza", sendo, por sua vez, alterado pelo Decreto-Lei nº 268, de 30/12/1943.

Como em todos os distritos e cidades circunvizinhas, Pau Ferro sofria as consequências da pobreza e do distante desenvolvimento. Os poucos moradores tiravam seu único sustento da terra. As secas que ocorreram em 1793, 1796, 1877 a 1891 trouxeram moradores de outros lugares, ampliando o volume de habitantes. O Rio Maxaranguape sempre foi alívio para amenizar a sede e a fome.

Pau Ferro pertencia a Touros. A curiosidade nos levou a procurar qual vínculo teria Pureza com Maxaranguape, já que o próprio rio e uma rua da cidade levam esse nome. Constatamos que a única conexão é a foz do rio que é em Barra de Maxaranguape.

A denominação desejada inicialmente, Vila de Maxaranguape para Pureza, teria sido modificada pelo motivo de Barra de Maxaranguape ter passado à emancipação quatro anos antes de Pureza e reclamado a semelhança dos nomes.

O Vale do Maxaranguape, comumente como era chamado, trilha um longo caminho até desaguar no oceano atlântico. Na travessia, beneficia engenhos de cana-de-açúcar, permitindo na altura de Pureza o desenvolvimento da agroindústria.

Pau Ferro (1832): primeira denominação

Segundo os escritores Luís da Câmara Cascudo e Nestor Lima, no ano de 1806, o senhor Leandro Rodrigues de Braga possuía terras em Pau Ferro, naquela época, município de Extremoz. Segundo o Juiz de Paz Joaquim Xavier Velozo, existiam 45 núcleos populacionais e alguns desses núcleos eram incipientes em povoação e onde habitava uma população permanente. Em1832, já existiam 44 fogos (residências) e 223 almas (habitantes), das 45 povoações existentes, Pau Ferro era o segundo povoado mais habitado da região.

Povoação da Pureza: segunda denominação

No Decreto-Lei nº. 110, de 23 de maio de 1891, o Governador do Estado, usando da faculdade que lhe confere o Decreto nº 7, de 20 de novembro de 1889, decreta:

Art. 1º. Fica criado um districto de paz na povoação da Pureza, no município de Touros, com os mesmos limites do actual districto policial.

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário do Governo o faz publicar.

Casa do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 23 de maio de 1891.

Francisco Amyntas da Costa Barros

Pureza (1938): terceira denominação

Com a criação dos Limites Municipais e Divisas Interdistritais do município de Touros, no dia 31 de outubro de 1938, pelo Decreto-Lei nº. 603, anexo nº 2, ocorreu a elevação da Povoação da Pureza para Distrito de nome Pureza.

Vila de Maxaranguape: quarta denominação

O Decreto-Lei nº. 268, de 30 de dezembro de 1943, anexo nº 1 fixa a divisão territorial do Estado, que vigorará sem alteração de 1º de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1948 e dá outras providências.

O novo Distrito Maxaranguape (ex-Pureza), passa a ser denominado Vila de Maxaranguape.

Natal, 30 de dezembro de 1943, 55º da República.

DES. JOÃO DIONÍSIO FILGUEIRA

Lélio Augusto Soares da Câmara

Pureza (1983): quinta denominação

Aprovada a criação da cidade de Pureza, Lei nº. 2.882, de 05 de abril de 1963. Em 1930, contavam 1.400 almas, 180 fogos e o nome Pureza fora sugerido pelo Dr. João Inácio Fernandes Barros, que era frequentador assíduo da fonte.

O senhor José Inácio Fernandes Barros nasceu na vila de S. Gonçalo (Felipe Camarão) a 25/04/1844. Bacharel em 1868, em Recife. Magistrado, Juiz de Direito de Jardim do Seridó, 1875-77, instalou a comarca de Ceará-Mirim em 1877, transferido em 1884 para Maroim, Sergipe, onde foi chefe de polícia em 1885. Em 1888, voltou à comarca de Ceará-Mirim, onde se aposentou em 1890.

De maneiras fidalgas, culto e viajado, impressionava pela superior distinção pessoal. Como vice-governador, administrou o Estado em 1891. Faleceu na cidade do Ceará-Mirim em 17/10/1907

3.LEI DE FUNDAÇÃO MUNICIPAL: LEI Nº 2.882 DE 05 DE ABRIL DE 1963

O governador Aluísio Alves era o gestor do Rio Grande do Norte à época em que foi aprovada a fundação do município de Pureza. Após a autonomia política, foram marcados os seus limites territoriais. A Lei nº 2.882, de 05 de abril de 1963, em seu artigo 1º, trata da criação do município de Pureza. Sobre isso, afirma que o território deve desmembrar de Touros, passando à categoria de cidade, sendo que o poder judiciário ficará inicialmente subordinado à Comarca de Touros.

O artigo 2º estabelece que o novo município terá os seguintes limites: começa do povoado de “Cana Brava”, inclusive, numa linha reta vai ter a fazenda “Bebida Velha” e, daí, a foz do rio “Lagoa da Prata”, por cujo leito prossegue até a confluência dos limites intermunicipais de Touros e Maxaranguape, passando entre as fazendas “Fonseca” e Dr. Reinaldo Bezerril; continua pelos limites citados, até atingir o rio “Maxaranguape”, no lugar denominado “Barra do Riacho”; segue daí, pelo “Riacho Seco”, até alcançar o leito da estrada que liga João Câmara a Touros; prossegue por essa estrada e vai ter ao povoado dos limites descritos neste artigo.

O artigo 3º aponta que o novo município instalar-se-á 30 (trinta) dias após a publicação da referida Lei, sendo administrado inicialmente por um Prefeito de livre nomeação do Governador do Estado, até que se realizem eleições democráticas para o cargo de prefeito, vice-prefeito e vereadores.

O artigo 4º estabelece, para fazer face às despesas com a instalação do novo município, que fica o Poder Executivo autorizado a abrir, no corrente exercício, o crédito especial de R$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros), constituindo recursos para cobertura da despesa.

De acordo com o artigo 5º, a Lei de criação do município de Pureza entrou em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. O local da publicação foi o Palácio da Esperança, em Natal, no dia 5 de abril de 1963.

O novo município se localiza na mesorregião Leste Potiguar e na microrregião Litoral Nordeste do estado do Rio Grande do Norte. As suas coordenadas geográficas são: Latitude Sul – 05° 28’ 01,20” e Longitude Oeste – 35° 33’ 21,60”. O município com área de 504, 26 km², equivalente a 0,95% da superfície estadual, e com

população de 9.515 habitantes, está localizado a uma distância de 60 km da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte (IBGE, 2021). O território municipal faz fronteira, ao Norte, com Touros; ao Sul, com Taipu, Poço Branco e João Câmara; a Leste, com Maxaranguape; e a Oeste, com Touros e João Câmara.

4.SIGNIFICADO DO BRASÃO MUNICIPAL

No Brasão de Pureza encontram-se os símbolos que caracterizam a origem, as atividades econômicas e o turismo do município. A gruta de Pureza, integrada à fonte de água cristalina, perene e medicinal, com imenso potencial turístico, está presente no brasão moldurado pelas árvores “Pau Ferro”. A faixa amarela apresenta o nome geográfico, ou topônimo do município, e no plano de fundo da faixa, se apresenta uma catraca que representa a presença de ricos engenhos de cana-de-açúcar. O brasão municipal visiona realçar uma imagem poética com mensagem de abundância e de tranquilidade.

Ilustração do atual Brasão Municipal de Pureza/RN

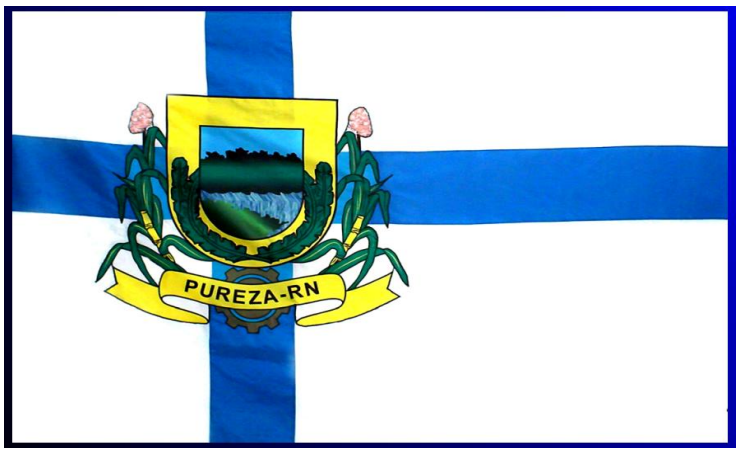
Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

As águas subterrâneas do município de Pureza irrigam o leito do Rio Maxaranguape, transformando as terras banhadas em vale úmido com extrema fertilidade. Cana-de-açúcar, macaxeira e bananeira se constituem no verdadeiro celeiro agroeconômico do município.

5.SIGNIFICAÇÕES DA BANDEIRA

A bandeira atual é composta por meio de um retângulo branco com uma cruz azul que entrecruza suas linhas a partir da imagem do brasão do município. A imagem simboliza a fé cristã e homenageia Nossa Senhora da Pureza.

Ilustração do atual da Bandeira Municipal de Pureza/RN



Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Em ofício enviado ao Sr. João da Fonseca Moura Neto, prefeito em exercício no contexto de 05 de dezembro de 2005, a Sra. Anadite Fernandes da Silva, responsável pela execução do Projeto de Criação das Bandeiras do Rio Grande do Norte, propõe uma mudança no brasão da nova bandeira, a qual foi acatada.

O Projeto de Lei foi entregue na Câmara dia 08 de março de 2006, sendo votado dia 15 de março de 2006, e aprovado por unanimidade pelos seguintes vereadores: José Bezerra de Araújo (Presidente da Câmara), Maria do Socorro Varela de Araújo, Magnus Kelly Gabriel de Assis, Isaías dos Santos, Maria Gomes de Oliveira Brito, Raimundo Alves de Oliveira, José Barbosa, João da Silveira Damasceno e José Lindauro Xavier.

Fica, então, constituído o Projeto de Lei nº. 227/06, de 15 de março de 2006. Lei de Criação do novo Brasão e Bandeira do Município de Pureza.

6.HINO CÍVICO

O hino cívico de Pureza foi apresentado pela primeira vez no dia 05 de abril de 2008, na ocasião do 45º aniversário da cidade. A letra e a melodia foram compostas por Tarcicleide Batista de Figueiredo. A revisão de produção musical coube à professora Adriana Mônica Oliveira, que contou com a colaboração do maestro Júnior Domingos da agência Mega Studio.

Ilustração com a letra do Hino Cívico Municipal de Pureza/RN

DA NASCENTE PROVINDA DA TERRA
EIS QUE SURGE FORMOSA E BELA
LADEADA DE MATA IMPONENTE
O PAU FERRO DA ORIGEM A SEMENTE
SERPENTEIA SEU LEITO O CAMINHO
DESAGUANDO NO ATLÂNTICO ENFIM
UMA FONTE DE RICO TESOURO
SEUS ENGENHOS UM NOVO PORVIR

ESTRIBILHO

O TEU NOME REPRESENTA A PUREZA
DAS ÁGUAS LÍMPIDAS DA TERRA A EMANAR
AS TUAS GLÓRIAS DE OUTRORA PERDUREM
QUE O FUTURO SEJA SEMPRE O JORRAR

NOS PRIMÓRDIOS HISTÓRIAS MARCANTES
DE UM POVO DISTANTE A LUTAR
DESBRAVANDO CAMINHOS CORTANTES
EM TUA TERRA VIERAM SAUDAR
NAS ÁGUAS RAIOU ESPERANÇA
ENTRE A GUERRA DA FOME E DA DOR
O TEU SEIO ACALMA E SUPLANTA
NOSSOS SONHOS ARRAIGADOS NO AMOR

ESTRIBILHO

O TEU NOME REPRESENTA A PUREZA
DAS ÁGUAS LÍMPIDAS DA TERRA A EMANAR
AS TUAS GLÓRIAS DE OUTRORA PERDUREM
QUE O FUTURO SEJA SEMPRE O JORRAR

O TEU CANTO SE FAZ CONSAGRADO
NO AFÃ DA VITÓRIA OBTER
NA AMPLIDÃO DE TUAS ÁGUAS TÃO FARTAS
OS TEUS FILHOS IRÃO PERCORRER
DE PAU FERRO A POVOAÇÃO PUREZA
VILA DE MAXARANGUAPE TE CHAMAM
PREDOMINA PERPÉTUA NASCENTE
DE TUAS ÁGUAS PUREZA PROCLAMAM

ESTRIBILHO

O TEU NOME REPRESENTA A PUREZA
DAS ÁGUAS LÍMPIDAS DA TERRA A EMANAR
AS TUAS GLÓRIAS DE OUTRORA PERDUREM
QUE O FUTURO SEJA SEMPRE O JORRAR

EM TEU SEIO ABRIGAS RIQUEZAS
QUE OFERTAS SEM NADA PEDIR
UM PRESENTE DE DEUS MAJESTOSO
ENTREGASTE SEM RESTRINGIR
QUE O AGORA SEJA ALENTO
DO PASSADO ANSIOSO A CUIDAR
E O FUTURO SEMPRE RESPLANDEÇA
CONSCIENTE DE TE PRESERVAR

ESTRIBILHO

O TEU NOME REPRESENTA A PUREZA
DAS ÁGUAS LÍMPIDAS DA TERRA A EMANAR
AS TUAS GLÓRIAS DE OUTRORA PERDUREM
QUE O FUTURO SEJA SEMPRE O JORRAR

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

O hino foi elaborado com o intuito de resgatar a história do município. Em cada estrofe se faz alusão a algum patrimônio material ou cultural da cidade. O hino da cidade foi regulamento pela Lei municipal nº 243/08.

7.RELAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COM OS TRÊS PODERES

Poder executivo

O poder executivo do município é composto de prefeitura e vice-prefeitura. Após eleições democráticas, os eleitos devem exercer um mandato de quatro anos ao proceder com a gestão municipal. A sede do Poder Executivo é o Palácio Onofre Soares Júnior, local onde funciona a prefeitura, uma casa antiga que pertencia ao senhor Raimundo Guedes da Silva. O atual endereço de funcionamento é a Praça 05 de abril, n. 180, Pureza-RN, 59582-000.

Poder legislativo

O Poder Legislativo no município é exercido pela câmara de vereadores, que tem como dever a elaboração das leis municipais e a fiscalização das ações do executivo. O número de vereadores varia de acordo com o eleitorado existente em um município. A Constituição estabelece o número de 9 e o máximo de 55 vereadores.

Os primeiros vereadores eleitos no dia 1º de dezembro de 1963 e empossados no dia 31 de janeiro de 1964 foram: Manoel André de Souza, Francisca Romeiro Rocha – primeira vereadora mulher, Raul Cândido da Silva, Manoel Silvestre Reis, Pedro Severo da Silva, Francisco Lucas dos Santos, Manoel Vicente Filho, Severino Batista de Oliveira, José Soares Gabriel e Francisco Victor Lopes.

Poder judiciário

O Poder Judiciário no município é responsável por estabelecer a cultura da paz e da conciliação, zelando pela ordem, pelos direitos e pelos deveres dos cidadãos. A jurisdição do poder judiciário que atende ao município de Pureza fica sediada na Comarca de Ceará-Mirim, a 30 km do município.

8.HISTÓRIA DA PRIMEIRA GESTÃO MUNICIPAL

Antes das eleições democráticas no município de Pureza, o poder das decisões era exercido pelos antigos latifundiários, homens de punhos de ferro que comandaram, por séculos, o pequeno lugarejo que “ascendia” em seus engenhos. Homens esses que se fizeram donos de tantas terras e, portanto, tinham voz e vez na vida daqueles que quase ou nada possuíam.

Com as eleições democráticas, novos ares foram possíveis de respirar. A liberdade dos escravos e a mecanização dos engenhos foram acontecimentos marcantes na esfera política do lugar. Com a efetividade das urnas, emergiam homens idealizadores de um novo Brasil, mais liberto e democrático. Olavo Lacerda Montenegro, Deputado Estadual, responsável por tantas emancipações municipais, inclusive a de Pureza, fora um deles. Através de seu empenho, homens como o Major Onofre Soares Júnior, Francisco Victor, João Manoel de Oliveira e tantos outros, buscaram essas transformações inerentes ao País em geral. Pequeninas vilas aspirando ares de democracia.

Primeiramente, veio a Emancipação. Pureza se transforma em cidade. A Lei nº 2.882, de 05 de abril de 1963, dava total liberdade à pequenina cidade para erguer-se e dar um novo rumo aos seus habitantes. Logo após, surgiam os preparativos para a primeira eleição.

Em 01 de dezembro do ano de 1963 ocorreu a primeira eleição municipal, que elegeu para prefeito o senhor Onofre Soares Júnior e, para vice-prefeito, o senhor João Henrique do Nascimento. Os vereadores pioneiros eleitos em Pureza foram: Manoel André de Souza, Francisca Romeiro Rocha, Raul Cândido, Francisco Victor da Silva, Manoel Silvestre Reis, Pedro Severo da Silva, Francisco Lucas dos Santos, Manoel Vicente Filho, Severino Batista de Oliveira e José Soares Gabriel. Todos empossados no dia 31 de janeiro de 1964.

Na Ata da Sessão Solene de posse de Onofre Soares Júnior aparece o nome de Francisco Victor, sendo um dos vereadores eleitos, que, segundo informações da Prefeitura Municipal, teria ficado como primeiro presidente da Câmara e vice-prefeito após o falecimento de João Henrique do Nascimento. Esse fato não foi divulgado no

ofício s/n de 25 de outubro de 1966, assinado pelo próprio Onofre Soares Júnior, que atribuiu o cargo de vice-prefeito ao Sr. José Soares Gabriel, sendo todos os documentos atribuídos à Câmara assinados por João Henrique como presidente da mesma.

Em 25 de outubro de 1966, fora realizada uma homenagem póstuma ao Senhor João Henrique em ofício que continha o seguinte escrito: “Após um ano de empossado, o Sr. João Henrique do Nascimento faleceu, assumindo em seu lugar, o então 1º vice-presidente, o vereador Sr. José Soares Gabriel que tinha atribuições de vice-prefeito”.

A primeira Lei municipal aprovada

No dia 13 de fevereiro de 1964, o Sr. Onofre Soares Júnior sancionou o primeiro Projeto de Lei: 13 de fevereiro de 1964, aprovado pela Câmara, com o intuito de criar o corpo de funcionários municipais, estabelecendo padrões alfabéticos de vencimentos da Prefeitura.

Art. 1º – Os padrões alfabéticos de vencimentos da Prefeitura Municipal de Pureza passam a ter os seguintes valores:

PADRÕES	VALORES Cr$.	PADRÕES	VALORES Cr$.
A	3.000,00	F	7.000,00
B	3.500,00	G	8.000,000
C	4.000,00	H	9.000,000
D	5.000,00	I	12.000,00
E	6.000,00	J	15.000,00

Art. 2º – O corpo de funcionários da Prefeitura Municipal de Pureza é constituído dos seguintes cargos e padrões alfabéticos de vencimento:

CÓDIGO	CARGOS	PADRÕES DE VENCIMENTOS CR$.
	GOVERNO Administração Superior	
8040	Secretário	J
8040	Porteiro Arquivista	P
8040	Escriturário Datilografo	G

	EXAÇÃO E FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR	
8100	Tesoureiro	I
8100	Escriturário	G
8101	Agente Arrecadador	-
	SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO	
8120	Fiscal Geral	D
8120	Fiscal Ajudante	C
8120	Coletor Municipal	B
	SERVIÇOS DIVERSOS	
8130	Administrador de Serviços	C

Art. 3º – Os agentes arrecadadores serão de nomeação interina e terão seus proventos mediante percentagem sobre o que arrecadarem fixada em portaria do prefeito.

Art. 4º – Os administradores de serviço terão suas atribuições designadas em conformidade com as necessidades do serviço.

Art. 5º – Além dos cargos criados por esta Lei, fica o Senhor Prefeito autorizado a contratar pessoal técnico para execução de serviço especializado ao seu critério.

Art. – revogam-se as disposições em contrário.

No dia 05 de dezembro de 1966, aprovado no dia 06 de dezembro de 1966 pela Câmara, o Prefeito Sr. Onofre S. Júnior extinguiu diversos cargos, justificando que eles não correspondiam às exigências do serviço público, usando, a partir daquela data, o uso de pessoal contratado, para a melhoria da administração.

Foram extintos os seguintes cargos constantes: serviços de agricultura e de abastecimento; mercados, açougues e matadouros públicos; 1 zelador do mercado padrão B; serviços urbanos de obras e de rodovias; 1 zelador do cemitério padrão A; e 1 zelador da fonte pública padrão A.

Balanço geral da administração do primeiro prefeito: o Major Onofre Soares Júnior

A administração do Major Onofre Soares Júnior, apesar dos poucos recursos e da nova experiência em administrar uma cidade, foi tranquila. Em seu relatório de

transição da prefeitura, escrito em 28 de janeiro de 1969, ele relata: “Cumpro o grato dever de apresentar a essa Colenda Câmara Municipal o relatório de minhas atividades à frente da Prefeitura do Município de Pureza no exercício de 1968. A Receita arrecadada foi na importância de NCr$ 45.522,06 (Quarenta e cinco mil quinhentos e vinte e dois cruzeiros novos e seis centavos), representada quase que exclusivamente pelo Fundo de Participação dos Municípios, pois esta fonte de Receita Pública contribuiu com a importância de NCr$ 44.548,06 (Quarenta e quatro mil quinhentos e quarenta e oito cruzeiros novos e seis centavos).

O saldo do exercício de 1967 foi de NCr$ 22.840,80 (Vinte e dois mil oitocentos e quarenta cruzeiros novos e oitenta centavos), que somado a Receita do exercício vigente perfazem o total de NCr$ 68.363,85 (Sessenta e oito mil trezentos e sessenta e três cruzeiros novos e oitenta e cinco centavos). A despesa foi de NCr$ 58.887,73 (Cinquenta e oito mil oitocentos e oitenta e sete cruzeiros novos e setenta e três centavos), que deduzida da Receita dá um saldo de NCr$ 9.476,13 (Nove mil quatrocentos e setenta e seis cruzeiros novos e treze centavos), que passa para o exercício de 1969.

Na aplicação da Receita do exercício, como venho fazendo em todo o período de minha administração, tive especial cuidado de observar as recomendações do Tribunal de Contas da União, assim é, que a Despesa do Capital consumia a porcentagem de 73% e as Despesas Correntes apenas 27%.

Tenho a satisfação de comunicar a vossas Excelências que concluí todas as obras por mim iniciadas no Município que passo a enumerar”.

OBRAS PÚBLICAS: Um prédio, onde estão instaladas a Prefeitura e a Câmara de Vereadores; o Balneário Municipal Coronel Onofre José Soares, construído na lendária fonte de Pureza, hoje, grande incrementa às atrações turísticas; o Mercado Público, moderno prédio com amplas acomodações para os ferreiros; os cemitérios municipais da Sede e da povoação de Bebida Velha foram reformados, murados e fechados com portões de ferro; foi reformada uma velha casa que encontrei no Município, hoje servindo de Delegacia de Polícia; poços para água potável, construí dois em Cana Brava, para evitar o uso da água contaminada pelo xistossomo.

PRÉDIOS ESCOLARES: Dotei o Município de escolas, em prédios próprios, devidamente providos de carteiras, cadeiras para professores, quadros negros etc. Nos seguintes lugares: Cana Brava, Bebida Velha, Olho D’água, Itabaiana, Alto Santo,

Pedro Emídio de França; e uma escola na Sede, um jardim de infância e um Ambulatório.

PATRIMÔNIO MUNICIPAL: Quando assumi o Governo Municipal, no ano de 1964, encontrei a Prefeitura abrigada numa velha casa, tendo como mobiliário uma mesa tosca e três cadeiras, e hoje tenho a satisfação de registrar que o Patrimônio Municipal se eleva à importância de NCr$ 81.812,63 (Oitenta e um mil oitocentos e doze cruzeiros novos e sessenta e três centavos).

RODOVIAS: Pavimentei um trecho de estradas com paralelepípedos na entrada da cidade, evitando grandes atoleiros que se formavam na época das chuvas bem em frente ao Balneário, ficando este logradouro com fácil acesso. As estradas do Município, tenho conservado em condições de tráfego.

TERMINANDO: Levo aos ilustres vereadores os meus agradecimentos pela colaboração prestada à minha modesta administração. Deixando no próximo dia 31 de janeiro a administração do Município de Pureza, pela terminação do meu mandato, saio com a consciência tranquila de haver cumprido o meu dever, empregando o dinheiro público dentro do mais rigoroso critério de honestidade e economia e crente de que entrego o Município às mãos limpas e experimentadas do cidadão José Rodrigues Filho, que em boa hora escolhemos para prefeito de nossa terra. Mesmo fora dos cargos públicos, serei sempre o amigo sincero desta terra a quem sempre servi.

Algumas destas obras foram publicadas no Diário Oficial na décima página do dia 29 de abril de 1969, como Relação de Bens Incorporados ao Patrimônio do Município da cidade em decorrência da aplicação dos recursos provenientes do Fundo de Participação dos Municípios, classificados como Despesas de Capital no exercício de 1968.

No Termo de Conferência de Caixa do dia 31 de janeiro de 1969, José Rodrigues teve acesso à verificação da Receita e da Despesa. Feita a verificação dos documentos, apurou-se que o movimento financeiro referente a janeiro de 1969 acusou o seguinte:

Saldo de dezembro de 1968 que passa para o exercício de 1969 – NCr$

9.476,13, a Receita de janeiro de 1969 – NCr$ 5.273,46 com um total de NCr$ 14.749,59 – menos as despesas de janeiro no montante de NCr$ 2.813,57, sendo o saldo que passa para a responsabilidade de José Rodrigues Filho NCr$ 11.936,02.

Tomando como diretriz o Art. 40, inciso I da Lei Estadual nº 109 de 14 de dezembro de 1948, ao assumir a Prefeitura, José Rodrigues Filho cria uma Comissão para tomada de Contas da administração de Onofre Soares.

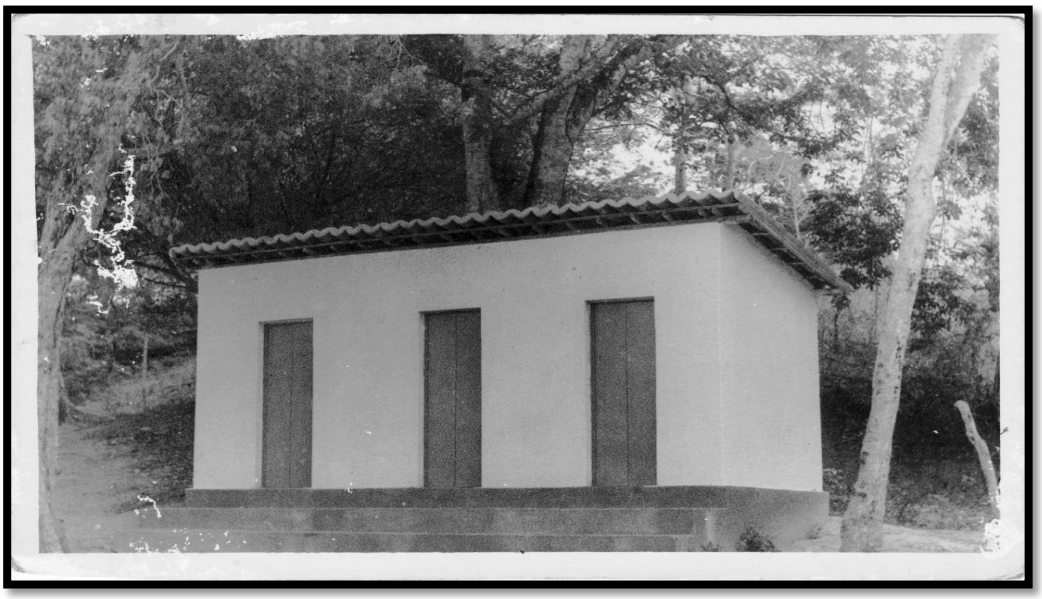
Apesar, segundo ele, de gozar de inteira confiança no prefeito substituído para que não pairasse dúvidas, resolveu criar a portaria de nº 01 de 02 de fevereiro de 1969 para criação da Comissão composta pelos Senhores: Manuel de Aguiar Gusmão (Contador), Orismildo Linhares Tinôco (Oficial de Justiça), José Tavares da Silva (1º Fiscal), sobre a presidência de Manuel Aguiar. Para acompanhar todo o trabalho, o Senhor Rosalvo Soares Montenegro que ocupa o cargo de Tesoureiro da administração de Onofre Soares Júnior.

Dia 03 de fevereiro, um dia após enviar à Portaria, José Rodrigues recebe da Escriturária Ivone Vasconcelos Marques, o Termo de Conferência de Caixa devidamente verificado. Conferido com o balancete e com o Livro Caixa pelo que foi lavrado, lido e achado conforme assinado pelo prefeito substituído Onofre Soares Júnior, pelo prefeito substituto José Rodrigues Filho, pelos Membros da Comissão, pelo Tesoureiro Rosalvo Soares Montenegro e transcrito das folhas 4v. e 5 do Livro Caixa Geral nº 03 da Prefeitura Municipal de Pureza.

Obras realizadas pelo primeiro prefeito

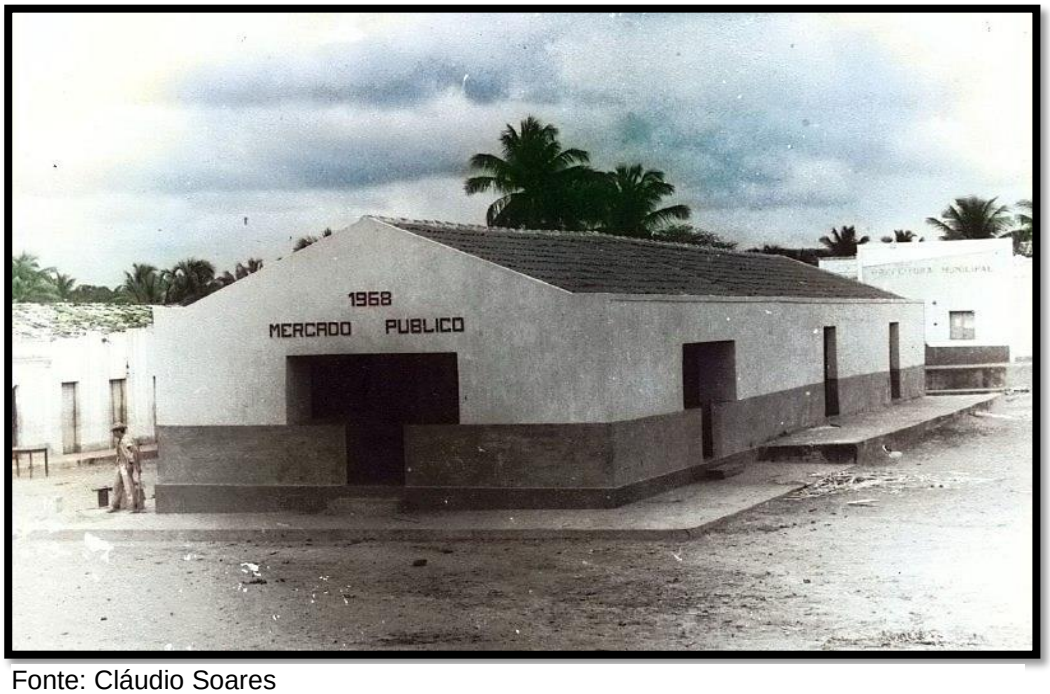
Nesta seção apresentaremos algumas das mais importantes obras municipais que foram inauguradas na primeira gestão municipal da cidade das águas cristalinas, a qual foi desenvolvida por Onofre Soares Júnior. A importância das obras repousa sobretudo em seu caráter de utilidade pública, consolidando o clima de urbanidade, coletividade e identidade municipal.

Foto da primeira edificação do Banheiro Público da Fonte em 1968



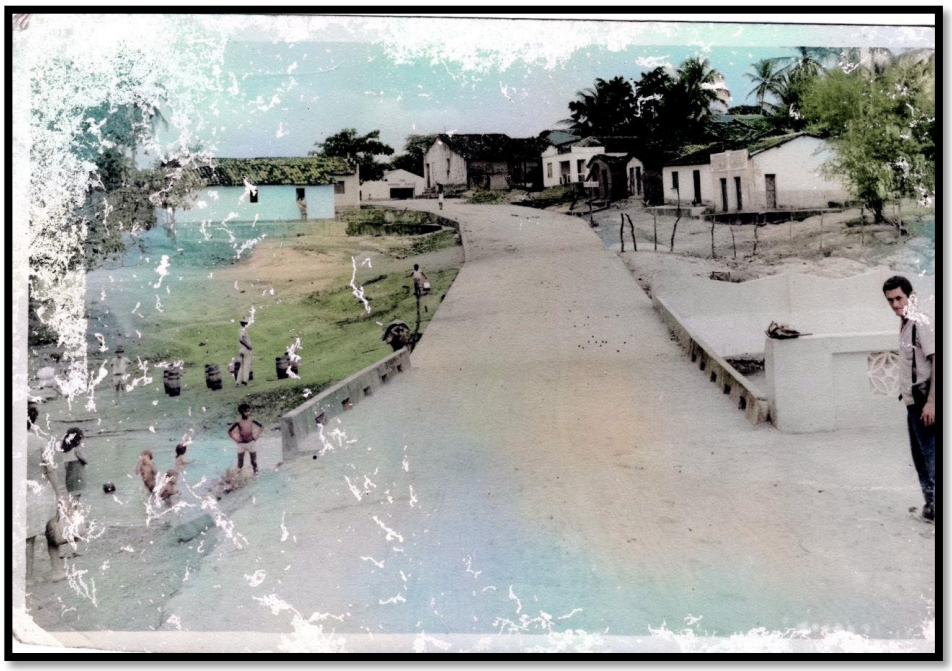
Fonte: Cláudio Soares

Foto da segunda reforma realizada no Mercado Público em 1968



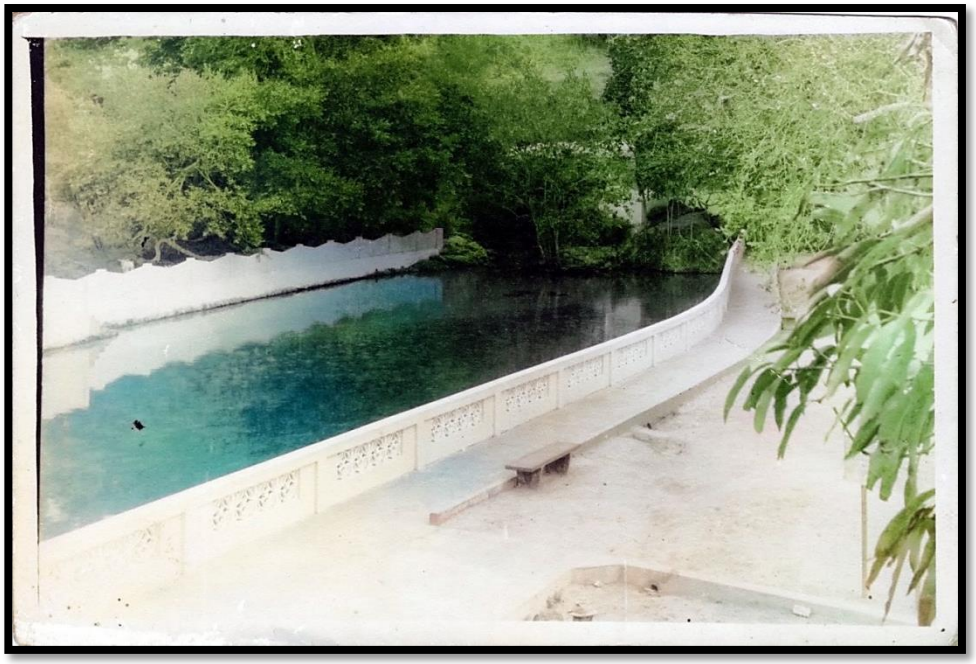
Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira ponte de alvenaria de Pureza no Rio Maxaranguape em 1968



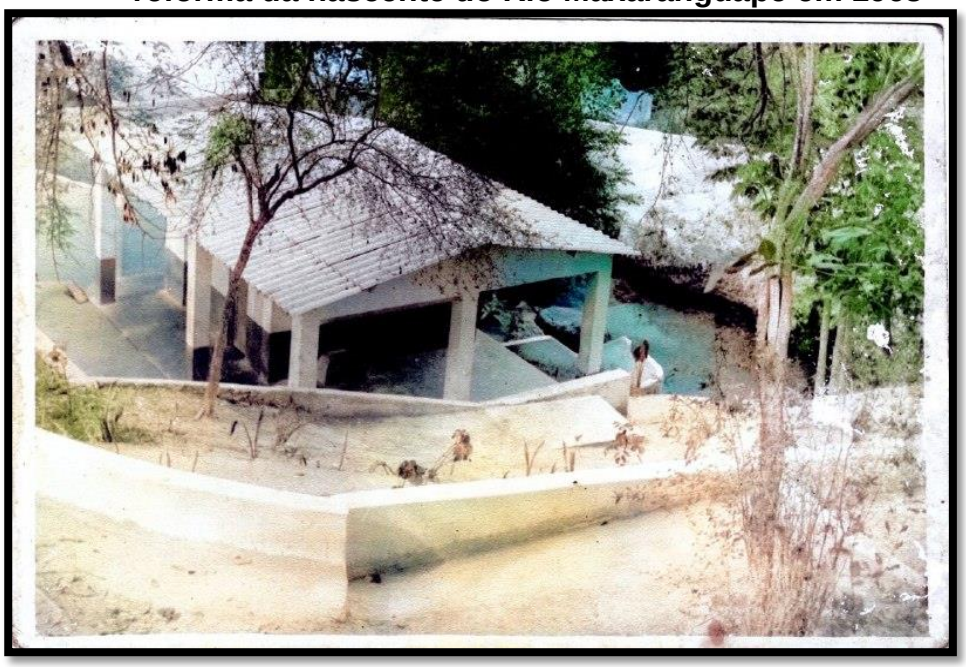
Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira reforma realizada na nascente do Rio Maxaranguape em 1968



Fonte: Cláudio Soares

Foto da casa de apoio ao turista realizada na primeira reforma da nascente do Rio Maxaranguape em 1968



Fonte: Cláudio Soares

Foto da casa de apoio ao turista realizada na primeira reforma da nascente do Rio Maxaranguape em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Foto do primeiro poço de Cana Brava em 1968

Fonte: Cláudio Soares

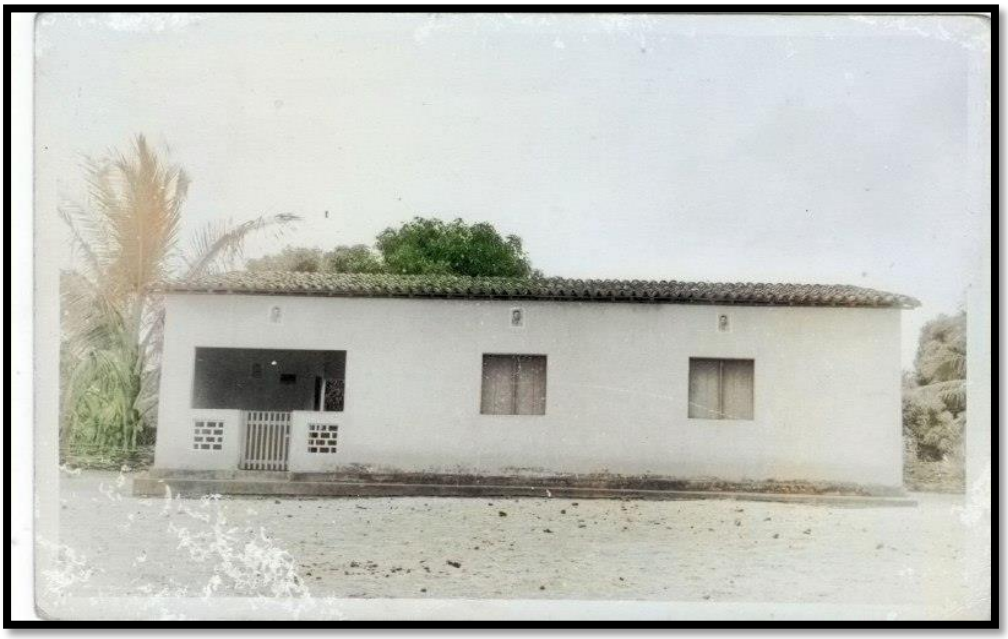
Foto da reforma do Cemitério Público de Pureza em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira Escola Municipal de Olho D'água em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira Escola Municipal de Itabaiana em 1968



Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira Escola Municipal de Bebida Velha em 1968

Fonte: Cláudio Soares

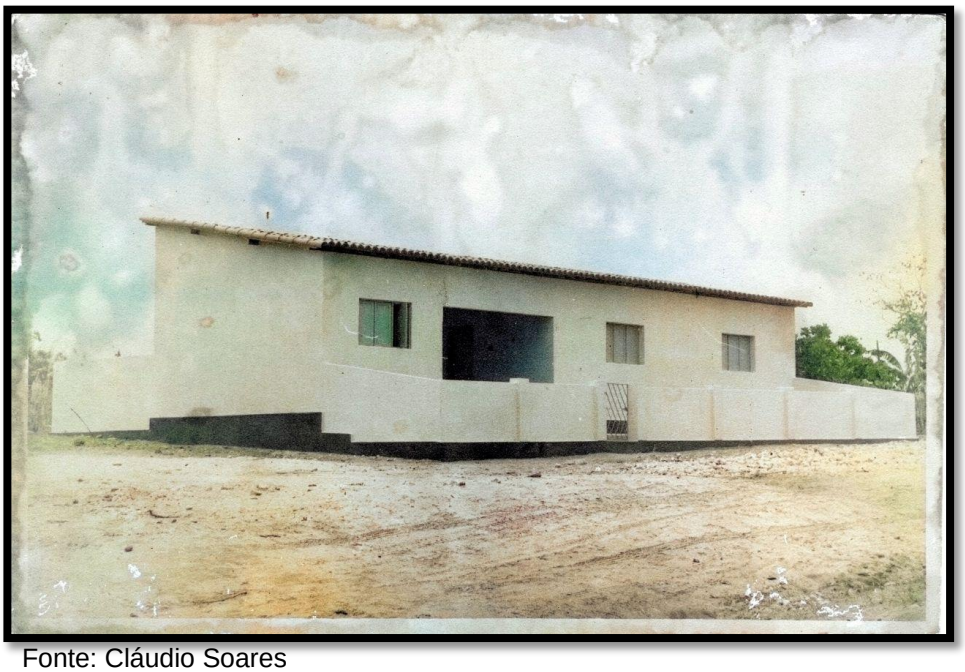
Foto da primeira Escola Municipal Pedro Emídio de França em São Luíz em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira Escola Municipal de Alto Santo em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Foto da primeira Escola Municipal de Cana Brava em 1968



Fonte: Cláudio Soares

De maneira geral, as pioneiras edificações municipais de Pureza expressam o desejo do primeiro gestor municipal com o sentimento de municipalidade do povo purezense, assim como, o zelo com as questões caras para o progresso do município

como: questões sanitárias, educação, abastecimento hídrico, feira livre, economia, lazer, entre outros.

9.GALERIA DOS GESTORES MUNICIPAIS

Nesta seção apresentamos a relação dos gestores de Pureza/RN considerando a linha do tempo em que ocuparam o executivo municipal na cidade das águas cristalinas.

Primeiro prefeito INTERINO de Pureza:
José Felinto de Medeiros foi nomeado pelo Governador Aluísio Alves em 06 de abril de 1963, permanecendo até 31 de janeiro de 1964.

Primeiro prefeito ELEITO de Pureza:
Onofre Soares Júnior
Vice-Prefeito: João Henrique do Nascimento
Eleito: 1ª eleição – 01/12/1963
Assumindo em: 31/01/1964 a 31/01/1969

José Rodrigues Filho
Vice-Prefeito: Serafim Luiz de Oliveira
Eleito: 15/11/1968
Ano: 31/01/1969 a 31/01/1973

Sandoval Gomes da Silva
Vice-Prefeito: Manoel Vicente Filho
Eleito: 15/11/1972
Ano: 31/01/1973 a 31/01/1977

José Soares Gabriel

Vice-Prefeito: Manoel Benício Barbosa

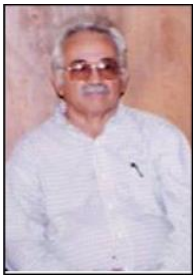
Eleito: 15/11/1976

Ano: 31/01/1977 a 31/01/1981

Josefa Rodrigues

Vice-Prefeito: Manoel Vicente Filho

Ano: 1981 a 1988



João Cordeiro de Melo

Vice-Prefeito: José Soares Gabriel

Ano: 1989 a 1992

João da Fonseca Moura Neto

Vice-Prefeito: Antônio Januário Lopes

Ano: 1993 a 1996

Henrique Eufrásio de Santana

Vice-Prefeito: Francisco Pereira do Vale

Ano: 1997 a 2000

Henrique Eufrásio de Santana

Vice-Prefeito: Francisco Pereira do Vale

Ano: 2001 a 2003

Vice-Prefeito – assumiu o lugar de Henrique Santana

Francisco Pereira do Vale

Ano: 2003 a 2004

João da Fonseca Moura Neto

Vice-Prefeita: Maria Edilma Lima de Araújo

Ano: 2005 – 2008

Soraya Café de Melo Santana

Vice-Prefeito: Cândido Costa Neto

Ano: 2009 – 2012

Maria Conceição da Costa Fonseca

Vice-Prefeita: Maria Edilma Lima de Araújo

Ano: 2013 a abril de 2015

Maria da Conceição perdeu o cargo para sua Vice, Maria Edilma assumir como prefeita.

Maria Edilma Lima de Araújo assume pela primeira vez a prefeitura de abril a novembro de 2015.

Maria da Conceição da C. Fonseca recorre e volta ao cargo em novembro de 2015 a março de 2016.

Maria Edilma Lima de Araújo assume pela segunda vez de abril até dezembro 2016 e termina o mandato.

João da Fonseca Moura Neto
Vice-Prefeito: Hernandes Nascimento de Souza
Ano: 2017 – 2020

João da Fonseca Moura Neto
Vice-Prefeito: Francisco Kayrim Medeiros da Silva
Ano: 2020 – 2024

10.HISTÓRIA DA SEDE DO PODER EXECUTIVO MUNICIPAL

A edificação em que funciona a prefeitura de Pureza, sede do poder executivo, compreende um casarão antigo situado na Praça 05 de abril, que no passado pertenceu ao senhor Raimundo Guedes da Silva. A residência foi adquirida, inicialmente, para abrigar os novos políticos da cidade a partir da emancipação. Segundo o imigrante Samuel Menelik Seal, a casa foi construída em 1919, sendo, portanto, considerada um Patrimônio Municipal.

Em 1988, ocorreu um fato lamentável praticado pela Prefeita Josefa Rodrigues. A referida prefeita enviou para a Câmara o Projeto de nº. 008/88, de 22 de novembro do ano de 1988, solicitando a demolição e a construção de um novo prédio da prefeitura no mesmo local. As eleições já haviam ocorrido e Josefa havia perdido o pleito para João Cordeiro de Melo. Mesmo assim, enviou o projeto para o legislativo e conseguiu a aprovação dos seguintes vereadores: José Bernardo de Araújo, Herli Fernandes Lima, Geraldo Câmara e Maria de Lourdes Nepomuceno, que autorizaram a construção do novo prédio da prefeitura. Os vereadores que votaram contra a proposta foram: Santino Bezerra de Araújo, Maria Bezerra da Silva e Raimundo Câmara de Oliveira. A estes, os purezenses agradecem!

A ideia não foi bem recebida pelos munícipes que se se revoltaram com o ato arbitrário da prefeita Josefa Rodrigues, e segundo os moradores mais antigos, foi feita então uma denúncia onde eles afirmam que exército chegou ao local interrompendo o restante da demolição do prédio.

De acordo com os políticos da época, o motivo central que levou a este acontecimento ocorreu pelo fato de Josefa Rodrigues revoltar-se por perder as eleições do governo municipal.

A reforma do prédio da prefeitura somente foi concluída na administração do Prefeito João Cordeiro de Melo que passou alguns meses administrando o município com o gabinete gestor instalado em outro local.

Foto da residência dos Guedes onde passou a ser a Prefeitura Municipal em 1964

Fonte: Família Guedes

Foto da primeira reforma realizada na prefeitura pelo prefeito Onofre Soares Júnior em 1965

Fonte: Maria Tibúrcio

Foto da segunda reforma realizada pelo prefeito João Cordeiro em 1989

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Foto da terceira reforma realizada pela prefeita Soraya Café de Melo Santana em 2012

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Em 2010, Arivete Martins Câmara recebeu das mãos de uma das filhas do senhor Guedes uma foto do antigo casario da família, solicitando a prefeita que reformasse a prefeitura. Vetinha como é carinhosamente chamada, procurou Tarcicleide para que juntas procurassem a prefeita Soraya Santana e lhe explicasse a importância desse resgate patrimonial da cidade. Assim foi feito. Numa manhã de quarta-feira, Arivete e Tarcicleide de posse da foto da casa, segundo Samuel Seal que foi construída em 1919, apresentaram a prefeita Soraya o sonho da família Guedes.

Soraya atendeu de bom grado e logo iniciou-se a terceira reforma do prédio do Palácio Onofre Soares Júnior. Meses depois, houve a inauguração onde a família Guedes participou saudosos de rever sua antiga habitação e a população purezense felizes por receberem um presente tão significativo de sua história.

11.ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Formação vegetal

Floresta Subperenifólia, formada por vegetação constituída de árvores sempre verdes que possuem grande número de folhas largas, troncos relativamente delgados, densa, e solo coberto por uma camada de húmus.

Floresta Subcaducifólia, formada por vegetação caracterizada pela queda das folhas das árvores durante o período da seca.

Caatinga Hipoxerófila, formada por vegetação de clima semiárido, apresenta arbustos e árvores com espinhos e de aspectos menos agressivos do que a Caatinga Hiperxerófila. Entre outras espécies, destacam-se: catingueira, angico, braúna, juazeiro, marmeleiro, mandacaru e aroeira.

Campos de Várzea formada por vegetação que ocorre nas várzeas úmidas e periferia de cursos d'água e que se constitui principalmente por espécies herbáceas da família das gramíneas e ciperáceas. Entre outras espécies, destacam-se: junco, baronesa e periperi.

Solos

Os solos predominantes apresentam as seguintes características:

Areias Quartzosas Distróficas com fertilidade natural baixa, textura arenosa, relevo plano, excessivamente drenado, profundo.

Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico com fertilidade natural baixa, textura média, relevo plano, fortemente drenado, profundo.

As Areias Quartzosas Distróficas são utilizadas com culturas de subsistência e agave; em pequenas áreas recomendam-se adubações parceladas e irrigação no período seco. Apresentam condições favoráveis ao uso de implementos agrícolas, sendo mais indicadas para cultura do cajueiro, do coqueiro e do sisal. O Latossolo, em certos trechos, é utilizado com fruticultura, principalmente, manga, banana e

abacate, além das culturas de mandioca, sisal, milho, feijão e pastagem; recomendando-se adubações parceladas e irrigação no período seco.

A aptidão Agrícola do município é regular para silvicultura, pastagem natural e lavouras. Pequena faixa de terra com aptidão para dois cultivos por ano. Pequena faixa de terra indicada para culturas de ciclo curto. Aptidão restrita para pastagem natural. Terras aptas para culturas especiais de ciclo longo, tais como: coco, algodão arbóreo, sisal e caju.

O sistema de Manejo acontece com baixo, médio e alto nível tecnológico. As práticas agrícolas estão condicionadas tanto ao trabalho braçal como à tração animal, com implementos agrícolas simples com a motomecanização.

Relevo

Menos 100 metros de altitude. Tabuleiros Costeiros com relevos planos de baixa altitude, também denominados planaltos rebaixados, formados basicamente por argilas (barro), localizam-se próximo ao litoral, às vezes, chegando ao litoral.

Chapada da Serra Verde, formada por terrenos planos, ligeiramente elevados, localiza-se entre os Tabuleiros Costeiros de geologia sedimentar e o relevo residual chamado “sertão de pedras” de geologia cristalina.

Geologia e geomorfologia

Geologicamente, o município situa-se em área de abrangência da Bacia Potiguar, de Idade Cretácea Inferior, entretanto, os calcários da Formação Jandaíra só afloram em sua porção Oeste. Na porção Leste da área, os sedimentos pertencentes ao Grupo Barreiras de Idade Terciária recobrem a Formação Jandaíra, formando solos ácidos e areno-argiloso de coloração creme a creme avermelhada, bastante lixiviados.

Recobrindo os arenitos do Grupo Barreiras, predominam as Paleocascalheiras, compostos paraconglomerados com seixos de quartzo, sílex e fragmentos líticos, matriz arenoargilosa avermelhada. Geomorfologicamente, predominam formas tabulares de relevos, de todo plano, com diferentes ordens de grandeza e de aprofundamento de drenagem, separados geralmente por vales de fundo plano.

Formação mineral

Predominância de diatomito que, industrialmente, possui uma extensa e variada aplicação, as principais são como agente filtrante, isolante, de carga industrial ou enchimento, de suporte absorvente e abrasivo, dentre outros, abrangendo as indústrias químicas, isolante, bebidas, produtos alimentícios, materiais plásticos, farmacêutica, perfumaria, borracha, papel e papelão.

Recursos minerais associados

Depósitos de Lagoas e Depósito de Planícies e Canais de Maré. Presença de turfa, material utilizado para fins energéticos e agrícolas; diatomito, utilização na indústria de tintas filtrantes e abrasivos, e argilas utilizadas na indústria de cerâmica branca e vermelha.

Depósitos de Praia – Pláceres com rutilo, ilmenita, zircão e cianita em ligas especiais e abrasivos.

Formação Jandaíra – calcários cálcicos e magnesianos, utilizados na indústria do cimento, cal, corretivo agrícola e alimentar para animais; rocha ornamental, utilizada como piso e revestimento; britas e pedras utilizadas para construção civil, gipsita e argilas utilizadas na indústria do cimento e gesso agrícola.

Recursos hídricos

Aquíferas Barreiras, que se apresentam como confinados, semiconfinados e livres em algumas áreas. Os poços construídos mostram capacidade máxima de vazão, variando entre 5 a 100^3/h, com águas de excelente qualidade química, com baixos teores de sódio e podendo ser utilizada praticamente para todos os fins.

Aquífera Aluvião, que é um aquífero livre e se apresenta disperso, sendo constituído pelos sedimentos, geralmente arenosos, depositados nos leitos e terraços dos rios e dos riachos de maior porte. Estes depósitos caracterizam-se pela alta permeabilidade, boas condições de realimentação e uma profundidade média em torno de 7 metros. A qualidade de água, geralmente, é boa e pouco explorada.

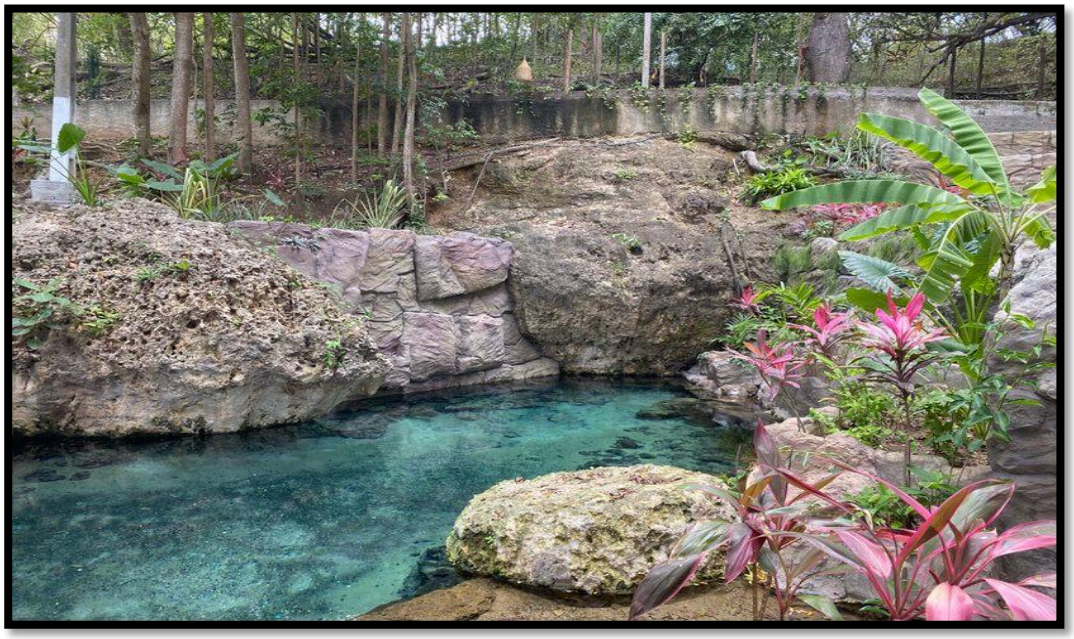
Hidrologia

O município de Pureza possui 58,91% de seu território inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Punaú, 38,49% nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Maxaranguape e 2,50% nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Boqueirão, sendo banhado pela sub-bacia do Rio Maxaranguape. Seus principais tributários são: a N, os rios Lagoa da Prata, Tatu e o córrego do Arrepiado; a S, o riacho Seco; e a E, os rios Punaú e das Curicacas. Não existem açudes com capacidade igual ou superior a 100.000m3. O padrão da drenagem é o dendrítico e os cursos de água têm regime intermitente.

Olheiro de Pureza

Fonte de Pureza que apresenta um fenômeno raro de ressurgência, dando formação à principal fonte de água do Estado, em vazão.

Fotografia do olheiro de Pureza/RN em 25/09/2021



Fonte: Andrezza Tavares

O abastecimento da água que jorra do solo de Pureza para outros municípios é realizado pela Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN).

Clima

Predominância do clima tipo tropical chuvoso com verão seco e estações chuvosas, adiantando-se para o outono.

Precipitação pluviométrica anual – normal: 970,9 mm, observada: 675,1 mm e com desvio: 30,5 mm.

O período chuvoso é de março a julho.

As temperaturas Médias Anuais são: máxima – 32,0 °C; média – 24,7 °C; e mínima – 21,0 °C.

A umidade Relativa Média Anual é de 79% e as horas de Insolação configuram2. 700h.

12.HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Como não existia prédio escolar e as condições materiais eram escassas, só quem tinha acesso aos estudos eram os filhos dos fazendeiros da região. Joel Christino, Samuel Seal, Francisco Victor e outros senhores de posse traziam de outras cidades professoras para ensinar aos seus filhos, entre eles: Maria Antônia, em 1924 a 1929; Maria C. de Andrade, em 1927; e Antonio Gabriel, em 1930. Samuel Seal também oferecia a oportunidade de estudos para crianças pobres que moravam próximos à sua residência no bairro do Cururu, na localidade da Rua Maxaranguape.

A primeira escola pública a funcionar em Pureza foi a Escola Rural Dr. José Augusto Varela, inaugurada no dia 14/12/1947 no mandato do então Governador, Dr. José Augusto Varela, de 31/07/47 até 31/01/51. Posteriormente, o nome mudou para Escola Reunida Maria Antônia. Atualmente, a Escola Estadual Maria Antônia recebe o nome de uma das primeiras professoras que lecionou em Pureza, Maria Antônia Freire, tendo atuado entre 1924 a 1929. Essa é uma homenagem dos purezenses pelos seus serviços prestados à comunidade.

Até meados de 1969, a Escola Estadual Maria Antônia tinha duas professoras: Maria Magil F. Ferreira, também diretora, e Maria Tibúrcio. Maria Magil lecionava para a turma de 1º ano e Maria Tibúrcio para as turmas de 2º e 3º ano. Em maio de 1969, a professora Paula Frassinetti de Castro foi contratada pelo Estado para dar continuidade aos trabalhos escolares. Segundo arquivos da instituição, a escola tinha 12 alunos: Francisco Janúario Lopes, Maria Leticie, Socorro Oliveira, Francisca Tavares, Iracema Ventura, entre outros. Um ano depois, esses alunos receberam o certificado primário, e dois anos depois, Paula assume como diretora e coloca alguns ex-alunos para lecionar na escola. O primeiro contratado foi Janúario Lopes, logo após, Socorro Oliveira, Francisca Tavares e Iracema Ventura.

Os primeiros funcionários da escola foram: Maria Magil, que atuava como diretora e professora; Maria Tibúrcio, que atuava como professora; Luiz Baixinho, que atuava como zelador; e Maria Nalva Xavier de Albuquerque, que atuava como supervisora da escola.

Foto da sala de aula da Escola Rural Dr. José Varela em 1951

Fonte: Francineide Rodrigues

Foto da sala de aula da Escola Rural Dr. José Varela em 1951

Fonte: Francineide Rodrigues

Foto do corpo docente e administrativo da Escola Estadual Maria Antônia em 1970. Paula Frassinete de Castro, Francisco Januário Lopes (Titico), Maria das Dores (Dorinha), Josefa de Brisa, Maria Tibúrcio, Graciano, José Januário Lopes, Maria Magil Ferreira

Fonte: Maria Tibúrcio

Foto do desfile cívico da Escola Estadual Maria Antônia em 1972

Fonte: Maria Tibúrcio

Foto de Ivete Martins Câmara
primeira Diretora da Escola Municipal Jarbas Passarinho em 1972

Fonte: Família Soares

Segundo os dados obtidos, entre 1947 e 1951, Augusto Varela criou muitas escolas denominadas Escolas Reunidas, organizações que possuíam duas ou quatro turmas de alunos e Grupos Escolares que possuíam cinco ou mais turmas de alunos. A partir de 1986, passou a funcionar o curso ginasial e curso de magistério, tendo a primeira turma formada em 1989.

Foto da primeira escola municipal de Pureza em 1968

Fonte: Cláudio Soares

Em 07 de agosto de 1966, o vereador Manoel Vicente Filho enviou para a Câmara, a qual ele cita como “Sala das Audiências”, um requerimento que autoriza o prefeito Onofre Soares Júnior à construção das escolas de Cana Brava, Bebida Velha, Olho D’água, Itabaiana, Alto Santo, Pedro Emídio de França e uma escola na Sede onde funcionaria o Jardim de Infância e um ambulatório, sendo todos os projetos aprovados no dia 27 de agosto do mesmo ano. O prefeito Onofre Soares Júnior empenhou-se na construção de vários prédios escolares e, em 1968, tais escolas foram inauguradas.

No telegrama enviado pelo Deputado Antônio Câmara ao prefeito Onofre Soares Júnior, no dia 17 de dezembro de 1967. O Preâmbulo de Natal 49500 21 15 11 – Pureza, dizia: “O Entendimento do Secretário Educação Dr. Jarbas, assegurou-me construção do grupo para o 1º semestre de 1968”.

No entanto, para a construção de uma escola de maior porte em Pureza, só aconteceria no mandato do prefeito José Rodrigues Filho, que pela Lei de nº 54 de 12 de abril de 1971, cria o Instituto Municipal Jarbas Passarinho, o qual se destinaria ao ensino primário ginasial e Curso de Jardim de Infância até a 4ª série, entrando em vigor no dia 1º de março de 1972.

No mandato do prefeito José Soares Gabriel foi desmembrado do Instituto Municipal Jarbas Passarinho, o Jardim de Infância: O Pequeno Doutor pela Lei nº. 107, de 23 de abril de 1979.

Luiz Eduardo Carneiro Costa, secretário de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, no dia 25 de junho de 1982, autoriza o funcionamento do 1º Grau no Instituto Municipal Jarbas Passarinho, que passou a se denominar Escola Municipal Jarbas Passarinho, por meio da oferta de Ensino de 1º Grau.

13.FEIRA LIVRE, COMÉRCIO E TURISMO

A feira livre de Pureza desde sua fundação, ocorre sempre aos domingos. Até os anos de 1980, era realizada no mercado público, construído em 1928, no centro da cidade. A feira é um encontro alegre e divertido. Feirantes distintos vêm de diferentes localidades vender ou comprar, aquecendo a economia municipal. O movimento é intenso nas barracas. No passado, víamos os mais velhos conversando animadamente nas laterais do mercado, crianças correndo o tempo todo e senhoras ocupadíssimas a comprarem o almoço de domingo.

Foto da feira de domingo em 1928

Fonte: Família Guedes

O comércio fundacional em Pureza era muito restringido. Pouquíssimas pessoas tinham condições de manter um negócio. Destacamos José Cândido da Câmara, comerciante de secos e molhados e dono da padaria Santo Antônio com a Inscrição Municipal nº 3; e Manoel Reis, conhecido como “Manel Milú”, também dono de padaria com a Inscrição Municipal de nº 27.

Após pouco tempo em que assumiu a prefeitura, Onofre Soares Júnior deu início às modificações na fonte. Empenhou-se em desenvolver o turismo local,

construindo quartos e banheiros para a comodidade dos visitantes. Como o fluxo da água era pouco, foram necessárias algumas mudanças no ambiente para que a vazão passasse a ser maior, a fim de beneficiar não só os banhistas, mas a própria população que sentia dificuldade em pegar água para o consumo.

14.ABASTECIMENTO DE LUZ DA COSERN

No ofício de nº 07/71, de 31 de maio de 1971, o prefeito José Rodrigues envia à Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte – COSERN, precisamente ao Dr. Clóvis Gonçalves, Diretor Presidente da Instituição, a informação sobre o número de prédios (residências, bares e prédios públicos) existentes em Pureza. O documento mencionava 324 prédios no total. A COSERN demorou para instalar os postes, o que levou o prefeito a reclamar do retardamento dos serviços.

Após inúmeras reclamações, o gestor municipal conseguiu efetivar a iluminação pública por meio de postes no município. Assim, no dia 20 de junho de 1971, às 19:00h, data marcada pelo Governador do Estado, foi inaugurada a eletrificação a motor em Pureza. As lâmpadas eram ligadas às 18h e desligadas às 22h horas. O local era próximo à lavanderia, atual garagem da prefeitura.

As célebres mocinhas da época, hoje senhoras, e os moradores antigos contam que, alguns minutos antes das 22h horas, João Guedes saía gritando pelas ruas: “tá na hora de apagar a luz”, e era um recolhimento de gente. Estava na hora de dormir. A forma habitual de seu João pré-anunciar a escuridão era apagar e acender rapidamente as lâmpadas. Cinco minutos depois desse movimento, se apagava tudo.

Tempos depois, José Rodrigues instalou uma televisão, do tipo preto e branco, em frente à prefeitura, novidade para a época. Então, o espaço da TV pública passou a ser o local em que as mocinhas vinham de longe para apreciar a trama de novelas. Todas as vezes, o velho Guedes gritava pegando os anovelados de surpresa. E aí já viu, era uma correria da mulherada pelas ruas voltando para suas casas!!!

Foi somente no mandato do prefeito Sandoval Gomes da Silva que, finalmente, chegaria a luz elétrica “de Paulo Afonso” para a pequena Pureza. Pouco tempo após assumir a prefeitura, Sandoval buscou uma parceria com o Banco do Nordeste, conseguindo um financiamento para a obtenção da rede elétrica.

A Lei de nº 65, de 26 de julho de 1973, autorizou o prefeito Sandoval Gomes a contratar um financiamento com o Banco do Nordeste do Brasil S/A de R$ 100.000,00 (Cem Mil Cruzeiros) para a construção da rede de distribuição de energia elétrica da COSERN.

15.ABASTECIMENTO DE ÁGUA DA CAERN

Com a eletricidade funcionando, restava ainda beneficiar os purezenses com água tratada. Água se tinha em abundância, mas era preciso ir buscar na fonte. Os moradores se deslocavam até a fonte para transportarem a água em baldes, carroças, potes e o que estivesse à disposição. Essa tarefa não era fácil, principalmente para os moradores que habitavam distante do centro da cidade.

Assumindo a prefeitura em 1973, o então prefeito Sandoval Gomes da Silva procura parceria com a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN). A Lei de nº 66, de 05 de agosto de 1973, autorizou o Prefeito a firmar Convênio com a CAERN para elaborar um projeto técnico de abastecimento de água na cidade de Pureza, ficando autorizado a utilizar para despesas a importância de Cr$ 12.000,00 (doze Mil Cruzeiros). No dia 18 de setembro de 1973, Sandoval assina o Convênio com a CAERN.

No ofício de nº 14/74, de 26 de junho de 1974, Sandoval Gomes envia o Projeto de Lei autorizando o Contrato de Concessão. Com a Lei nº 74, do dia 28 de junho de 1974, uma Ementa autoriza o Executivo Municipal a celebrar contrato de Concessão com a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte – CAERN.

Aos 10 dias do mês de julho de 1974 é realizado o Contrato de Concessão para obras de exploração de serviços e de esgotos na cidade de Pureza, já autorizado pela Lei de nº 74 de junho de 1974.

16.SERVIÇO DE MEIOS DE TRANSPORTES

Antigamente, transporte era coisa de luxo, raramente alguém possuía meio de transporte. Restava, então, viajar na sopa ou misto que vinha de Touros e ia para Natal. A sopa era um ônibus antigo, com longos braços de madeira abertos de ambos os lados que formavam duas ou três boleias. O transporte para funcionar necessitava rodar a partir da manivela do motor. Seu Chico Bananeira, ajudante da sopa, tinha a tarefa de girar a tal manivela. Francisco Assis Daniel, ou Seu Daniel, era o proprietário da Sopa que fazia a linha Touros/Natal.

O ônibus saía de Touros às 06h da manhã, chegava em Boa Cica às 11h e só apontava em Pureza às 15h horas, local em que todos eram recepcionados por José Cândido, comerciante de secos e molhados e dono da padaria.

Em 1954, surgiram os primeiros mistos de Pureza, que pertenciam aos senhores Manoel Cassimiro, José Bertino Lourenço, motorista de Manoel Cassimiro, Otton Leite e Antônio André.

17. PRINCIPAIS FESTAS POPULARES E RELIGIOSAS

Os tradicionais festejos de Pureza sempre foram animados e respeitosos. Tudo era feito na coletividade, todos ajudavam da elaboração até a execução. Tinha até banda de música. Outra coisa que não podia faltar eram os sanfoneiros e o retratista.

Com a festa da padroeira da cidade, realizada em 1977, as festas começaram a ganhar ares de grandeza. O número de festejos aumentou consideravelmente a cada ano e, com estes, a economia local nos meses de festanças sempre teve aquecimento.

O carnaval purezense também se caracteriza como animado e sadio. Os foliões saiam cedo para dar início às festividades. Os famosos papangús, homens vestidos com saiões e máscaras horripilantes, com seus chocalhos fazendo barulhos terríveis, eram a desgraça das crianças que ao verem de longe já começavam a gritar, não de alegria, mas de pavor como se estivessem vendo seres do outro mundo.

No São João, as quadrilhas são animadíssimas. Senhores, senhoras e senhoritas esforçam-se para dar conta de tantas quadrilhas. Em quase todas as ruas, a sanfona está presente na maior barulheira, chamando seus convivas. A última quadrilha é sempre a improvisada, que arrebata dos curiosos risadas estridentes em função dos erros cometidos pelos dançarinos.

No São João do passado, existia também um grupo de pequeninos atores que apresentavam jograis cômicos e trágicos, idealizado e realizado pela professora Letice do Nascimento, filha do 1º vice-prefeito, que não media esforços para tirar crianças e adolescentes do ócio ou de algum vício.

As festas são tradicionalmente realizadas no centro da cidade. A pacata Pureza se transforma, em algumas horas, numa gostosa e barulhenta cidade de animadores sorridentes, fazendo algazarra saudável ao animar a vida tranquila dos seus habitadores.

Os principais festejos de Pureza são: no mês de abril, o aniversário da cidade; em junho, os festejos juninos, com apresentações de quadrilhas em vários locais; no dia 8 de setembro, a festa da padroeira; e, em dezembro, o recital de natal.

Foto do evento Boi de Reis nas ruas de Pureza em 1982

Fonte: Dona Lourdes do Pavão

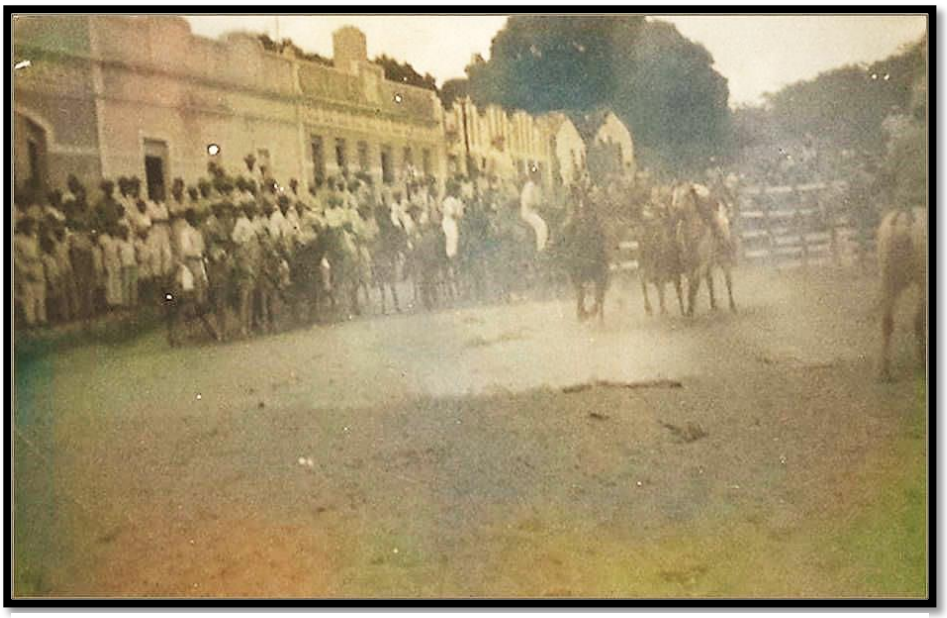
Pureza é uma cidade com pessoas de dons magníficos; são poetas, musicistas, artistas, artistas plásticos, artesãos, escritores. Os moradores antigos desempenham a função de desenvolver na nova geração o gosto e o respeito pela cultura local, as peças teatrais, jograis, os bailes dançantes, exposições, uma gama de conhecimentos que estão sendo esquecidos.

Os mais velhos relatam que as festas de antigamente eram mais animadas. Apesar da tecnologia atual, eles dizem que as festanças de outrora tinham mais sabor. Toda população se responsabilizava pelos preparativos; a antecipação era primordial para que nada saísse errado. O baile era o mais esperado.

Na semana que precedia a festa, toda Pureza respirava responsabilidade. Todos se comprometiam e davam o melhor de si. Uma banda tocava pelas ruas anunciando que os festejos tinham começado para valer. No grande dia, havia sempre uma missa, depois começavam as festividades. Após isso, dava-se início ao leilão. Os gritos extenuantes de Seu Manoel Redondo vendendo os produtos. Galinhas assadas que viravam verdadeiras pequenas fortunas, batata doce, macaxeira, inhame e o que a população tivesse oferecido. Nas barracas, enormes latões entupidos de gelo, raspas de madeira para não descongelar os litros ali imersos de cerveja e Coca-Cola. Os gritos das crianças em busca dos pais para comprar confeitos e tirar fotos nos cavalinhos e aviõezinhos dos retratistas ensurdeciam qualquer criatura.

As vaquejadas realizadas no centro da cidade, em frente à prefeitura, eram o ápice dos acontecimentos festivos. Pessoas vinham de longe para participar delas, tirando a monotonia do lugarejo.

Foto da vaquejada no centro da cidade em 1960



Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Seu Pedro Vaqueiro era o responsável pelos festejos culturais como: bumba meu boi com seu mestre (José Julho) e contramestre (Honório Galdino), o mateu (Chiquinho), o birico, a nanan, o torrão, os dois galantes e as duas damas. O gigante assustava pela proporção da cabeça, o Jaraguá com seu longo pescoço arrebatando suas fitinhas coloridas, o cão com sua cara aterrorizante e a burra, grande e engraçada.

Essas festas começavam no início de outubro e se estendiam até 06 de janeiro com apresentações todos os domingos nas casas que os artistas eram convidados.

Os rapazes com seus cabelos compridos que nem jubas de leão mostravam-se perante as meninas como perus elegantes mostram suas penas; e as moçoilas, cheias de pó de arroz, desfilavam faceiras em busca de corações solitários.

Nas apresentações teatrais, garotos e garotas da época transformavam as noites de festas em belos espetáculos. São integrantes de uma cultura rica. Pessoas que desempenharam um papel significativo no resgate das tradições populares, as quais hoje estamos transformando em meras lembranças.

É certo que temos muitos outros que possuem dádivas e que bem poderiam ser explorados para resgate e permanência desta cultura. O que falta é o poder público priorizar e executar uma política de incentivo.

Mas, coisa boa mesmo eram as festas. Lembradas com olhares de saudades, não deixava a desejar das festanças atuais. Geralmente, a animação ocorria do lado do velho mercado, com barracas e vaquejada no centro. As barracas começavam na frente da casa de Seu Manoel Milú e se estendiam até a frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

No São João, os moradores se reuniam, matavam carneiros e dançavam a noite toda. Eles falavam uma gíria: “tinha que pegar o sol com a mão”; enquanto isso, ninguém podia dormir. Os moradores das redondezas vinham marcar presença e também traziam seus comes e bebes.

As festas eram animadas pelos sanfoneiros: Otávio Bernardo e Antonio Otaviano. Os melhores da época.

Outra que deixou saudades foi a Amplificadora Continental ou a boca de som, como era conhecida e que funcionava dentro de uma das salas da prefeitura. Existiam espalhados pela cidade alguns megafones que serviam para noticiar fatos e acontecimentos aos cidadãos. Dirigida por Marino Silvestre Reis, tinha seus momentos divertidos, músicas e alguns bate-papos com moradores da cidade.

O pacato povoado tinha lá os seus problemas. Mas, também, ocorriam fatos curiosos. Conta-se que, naquela época, os pais não eram severos somente com as filhas. Os meninos para sair de casa tinham que ter o consentimento do pai. Se desobedecessem, era surra na certa. Em Curral Preto, o problema era outro: as onças.

Uma moradora conta que as casas de taipa ou totalmente de paus, rodeadas de folhas de catolé, eram protegidas com redes (como as de pesca) nas paredes para que as onças não entrassem nas casas. As redes de dormir eram armadas bem altas. Caso entrasse uma onça, não pegaria as pessoas. Animais de pequeno porte apareciam sempre nos quintais de casa, e eram as refeições do dia.

O carnaval purezense, na década de 50, era bem agitado. Além das músicas carnavalescas novas, lançadas no rádio e cantadas pelo povo antes dos dias de carnaval, uma brincadeira também era feita entre as pessoas.

Alguns indivíduos se encarregavam de fazer e vender umas embalagens do tamanho e do formato de uma laranja. A chamada laranjinha era feita de vela derretida e, depois, preenchida com água e perfume. A mesma era lançada nas pessoas

desavisadas que iam passando; ao bater nelas, quebrava-se e molhava o pobre coitado que saia exalando um perfume fortíssimo.

Nos dias de carnavais, saía nas ruas um único bloco sem nome e com um personagem principal: o urso. O boneco era feito de palha de carnaúba e quem o conduzia era seu Miguel Daniel. Como complemento, o urso era puxado por uma corda e os demais participantes do bloco (todos do sexo masculino) acompanhavam o urso cantando músicas, puxados pela concertina (sanfona).

Apareciam também nas ruas os chamados papangus, pessoas mascaradas vestidas com blusões coloridos e saiões que cobriam quase todo o corpo; as roupas diferentes eram para não serem reconhecidos. Batendo em latas e fazendo muito barulho, não só chamavam a atenção dos adultos, como assustavam as crianças que saíam correndo e chorando. Aconteciam os bailes de carnaval tocados pelo sanfoneiro, onde as famílias dançavam formando trenzinhos e pequenos círculos de mãos dadas.

Na década de 1960, o urso já não aparecia mais. Neste ano, apareceu um bloco (sem nome) com a maioria dos homens vestidos de mulher. Quem comandava o bloco era seu Dedeu.

Em 1970, o carnaval ainda continuava com os papangús, porém, com o surgimento da discoteca, os bailes de carnaval deixaram de existir e as famílias passaram a brincar em suas residências. A discoteca funcionava na sede do cruzeiro ao som das chamadas radidos.

Na década de 1980, surgiu o primeiro bloco com o nome “Boca Louca”, comandado pela professora Consuelo Nicácio. Os fuliões passaram a se concentrar na “Toca do Reinaldo” para brincar o carnaval através do aparelho de som e depois tomar aquele banho.

18.HISTÓRIA DO ESPORTE

O Esperança Esporte Clube, fundado no ano de 1954.

Foi o primeiro time formado em Pureza. Seus primeiros jogadores foram: Raimundo Félix, Sandoval (ex-prefeito), Francisco Victor, Vitor Galdino, Teófilo, Cezarino, Valdemar Gomes, José Miranda, Nestor, João Gomes, Paulo de Júlia entre outros.

O primeiro campo de futebol estava situado na rua sete de setembro, onde atualmente funciona o Hospital Nossa Senhora da Pureza.

Em 1977, o prefeito Sandoval construiu o primeiro Estádio de futebol.

Foto do Esperança Esporte Clube primeiro time de Pureza em 1954

Fonte: Tarcísio Alves Batista

Foto do Esperança Esporte Clube primeiro time de Pureza em 1960

Fonte: Tarcísio Alves Batista

O segundo time a fazer parte do repertório desportivo de Pureza, foi o Cruzeiro Esporte Clube que passou a existir no ano de 1960, por intermédio do Capitão Pereira delegado deste município no mandato do prefeito Major Onofre Soares Júnior. Em 14 de dezembro de 1969, o vereador Manoel reconhece o Clube como instituição de utilidade pública.

Em sua fundação, o Cruzeiro promoveu uma das maiores festas já vistas na cidade. No contexto, tinha como dirigente o jovem Tércio Galdino Ferreira e o treinador Paulo Búnes.

Na década de 1970, o time base, ou time titular, era formado pelos seguintes jogadores:

Lateral direto: Paulo Dedeu

Lateral esquerdo: Luizinho Alves

Tripé de meio (quarteto de meio campo): Dedé Ticha, Chico Bolacha e Tércio Galdino

Ataque: Luís Tomáz

Centroavante: Tarcísio Alves

Ponta esquerda: Venâncio

Além desses jogadores, tinham os sócios ou membros fundadores: Bubú, Nentonho, Didiu, Boquinha, Pirróia, Geraldo Goiana, Dedé Soares, Chico de Cornélio,

Gil, Pato de Teófilo, João Veloso, Clidenor, Ruy, Wilson, Ginga, Titi, Túlio, Pingo, Francisco Nicolau, Chico Redondo, Zé de Generina, Zé Januário, Cardoso, Rubens, Zé Benedito, Elias Cambute, Aluísio, Lauro Gabriel, Raimundo Ponga, Fiano, Seu Liu, Zé Goianinha, Veinha, José Reis, Deca Lima, Tonho de Dudu, Luís do prego, Josias, Ramiro Lima, Mário Eufrásio.

Falar do esporte purezense significa citar José Reis, um grande jogador e amigo de todos que foram citados nesta seção.

José Silvestre Reis (10/12/1954 – 13/10/1984), filho de Manoel Reis (Manel Milú), irmão do vereador Marino Silvestre Reis, era amado por todos. Alegre, nunca tinha dia ruim para ele. Sempre estava disposto a ajudar. Carinhosamente conhecido pela alcunha de Dedé Reis, era um dos melhores jogadores do Cruzeiro Esporte Clube.

Partiu cedo. Sua vida foi interrompida abruptamente, deixando uma lacuna no esporte e na vida daqueles que tanto o amavam. A prefeita Josefa Rodrigues colocou o nome do Estádio Reizão em homenagem a José Reis.

19.FERIADO MUNICIPAL

No ofício circular de nº 12/77, o Presidente da Câmara, Francisco Januário Lopes, comunica que foi aprovado pela Lei Municipal nº 62, de 01 de outubro de 1972, o feriado municipal de 05 de abril de 1963, data de criação do município de Pureza.

20.ORIGEM DO NOME DAS RUAS

Nesta seção apresentamos a relação dos nomes das ruas de Pureza/RN considerando as suas designações e contextos.

- **RUA 13 DE MAIO**: antiga rua da palha – a origem desse nome é devido a 13 casas de palhas existentes na época.
- **RUA DR. JOSÉ VARELA**: ou rua do entroncamento. A homenagem fora ao governador que construiu a primeira Escola em Pureza.
- **RUA SÃO JOÃO**: devido às comemorações de São João em maior número naquela rua. Também era conhecida como rua do barro vermelho em consideração a cor da terra (vermelha).
- **RUA JOÃO HENRIQUE**: homenagem a esse ilustre morador. Primeiro vice-prefeito de Pureza.
- **RUA JOEL CHRISTINO**: homenagem ao antigo dono de quase todas as terras de Pureza e representante oficial do povo.
- **RUA 07 DE SETEMBRO**: devido ao desfile da semana da Pátria. E até hoje ainda realizam os desfiles passando por ela.
- **PRAÇA 05 DE ABRIL**: em homenagem à comemoração do aniversário da cidade. Era conhecida como a Antiga Praça do Mercado.
- **RUA 31 DE MARÇO**: homenagem à revolução de 1964, quando nesta data houve uma guerra. A vereadora Maria de Lourdes Nepomuceno envia à Câmara um documento pedindo que a Rua 31 de março venha a se chamar Rua José Cândido da Câmara, em homenagem a um morador, pois o mesmo prestou serviços à cidade. Este pedido foi aprovado por unanimidade em 15 de novembro de 1988, porém, não foi colocado em prática.
- **RUA MAXARANGUAPE**: ou Cururu. O nome Maxaranguape em homenagem onde o rio desemboca, em Barra de Maxaranguape. E a denominação Cururu, segundo os moradores, era por causa da quantidade de sapos na época de chuva e as crianças chamavam de cururus.

  No Projeto de nº 001/97, em 05 de fevereiro de 1997, o vereador Sebastião Pereira de Carvalho solicita da Câmara Municipal a substituição da Rua

Maxaranguape para Rua Vereador Francisco Assis de Lima, em homenagem a um excelente político e extraordinário amigo de todos. O Projeto foi aprovado dia 12/02/1977, mas, infelizmente, não divulgado à população.

- **RUA ANTÔNIO TIBÚRCIO**: outro ilustre morador de Pureza. Comerciante e homem de grande influência.
- **RUA FRANCISCO VICTOR**: um homem influente na política em Pureza.
- **RUA MANOEL MEDEIROS**: homenagem a antigo morador.
- **RUA NOVA DESCOBERTA** (bairro): homenagem às famílias que vieram da cidade de João Câmara e que saíram às pressas por causa dos abalos sísmicos na região.

Foto do casarão e comércio da família Joel Christino no Centro de Pureza em 1920

Fonte: cronicastaipuenses.blogspot.com

Foto do Centro de Pureza em 1953

Fonte: Maria Tibúrcio

Foto da casa de José Tibúrcio na Rua Joel Christino em 1972

Fonte: Maria Tibúrcio

A presença da organização de ruas no centro da cidade de Pureza representa a sua vocação para o crescimento e espírito de urbanidade.

21.DISTRITOS E ASSENTAMENTOS DE PUREZA

O município de Pureza se divide em 12 Distritos. São eles:

Alto Santo	Itabaiana
Baixa do Meio	Lagoa da Prata
Bebida Velha	Nascença
Cana Brava	São Luís
Catolé	Olho D'água
Curral Preto	Umbuzeiro

Existem também 09 Assentamentos, os quais alguns foram doados pelo INCRA e outros pelo Banco da Terra. São terras desapropriadas pelo governo federal e cedidas para famílias construírem suas casas e investirem em agricultura, gerando emprego e renda.

Assentamentos pelo INCRA	**Assentamentos pelo Banco da Terra AGROVILAS**
Assentamento Paulo Freire III	Assentamento Itabaiana
Assentamento Meu Rancho	Assentamento Boa Vista do projeto PROVISTA
Assentamento São Luís	Assentamento Porteirinha
Assentamento Bernardo Marim	Assentamento Curral Preto
Assentamento Canafístula	

A regularização fundiária é um instrumento fundamental para combater a irregularidade urbana. É um processo de intervenção pública, sob os aspectos jurídicos, físico e social, que objetiva a permanência das populações moradoras de áreas urbanas ocupadas em desconformidade com a lei para fins de habitação, implicando acessoriamente melhorias no ambiente urbano do assentamento, no resgate da cidadania e da qualidade de vida da população beneficiária.

As áreas ou assentamentos irregulares se caracterizam pela precariedade de serviços públicos essenciais, pela presença de população com menor rendimento e nível de instrução, ocorrendo na maioria das vezes de forma desordenada e densa.

É fundamental a regulamentação fundiária em todo o município de Pureza para que a população possa usufruir de forma digna de saneamento básico, atenção à saúde, meio ambiente equilibrado, abundante presença de serviços básicos que gerem impactos sociais, econômicos e imobiliários.

22.HISTÓRIA DA AGROINDÚSTRIA

Pureza sempre foi conhecida por suas águas cristalinas, porém, os olhares empreendedores sempre ambicionaram a fartura dos engenhos. Câmara Cascudo cita o banho nas águas cristalinas e menciona também os engenhos que estavam espalhados ao longo do velho Maxaranguape.

Acerca do vale do Maxaranguape, em 10 de agosto de 1896, Honório Carrilho escrevia:

> [...] Este vale que, segundo disse acima, até 1877 era quase escondido, tornou-se, de então para cá, um dos mais procurados e amenos do Estado. Possuindo naquela época de 6 a 7 engenhos, conta hoje nunca menos de 30, todos eles mais ou menos montados e safrejando regularmente. Ano já houve em que a produção do açúcar elevou-se a 38 mil sacos. (Almanak do Rio Grande do Norte para 1897 [1º ano]. Natal: Renauld & C. Empresa gráfica, 1897).

Em 08 de novembro de 1920, o Padre Antônio Vicente da Costa, 22° Vigário de Touros, respondeu a um questionário sobre Touros e alguns povoados próximos para o Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil:

> A costa de Touros, onde nos vales mais férteis a cana-de-açúcar se expandira com base no exemplo do Ceará - Mirim, constato que o rio principal é o Maxaranguape, cuja nascente ocorre em Pau-Ferro, hoje Pureza (1920), numa fonte perene, seguindo dali por diante, pela planície costeira, até encontrar o oceano e nele desaguar. Impressionando-me a atividade agroindustrial ao longo de seu curso, onde quarenta engenhos garantiam trabalho, fartura e riqueza para uma operosa população ribeirinha, que expandiu seu estilo de vida baseada na produção de açúcar mascavo, mel de furo, rapadura, aguardente. Verifica que funcionam a vapor e já apresentam o gérmen da decadência. Suas denominações lhe parecem soar qual **background** tristonho que se repete como para que de todo não se deixe morrer a lembrança de uma civilização, que embora modelada pela opulência, encerrou em seu seio mais misérias que alegrias. Seus nomes ainda transmitem certo encanto: ***Pureza, Boa Vista, Poços, Ubaieira, Riacho, Paz, Soledade,*** etc.

Nos anos trinta, a atividade açucareira achava-se em decadência no município de Touros, porém, alguns engenhos continuavam safrejando, entre eles: *Maxaranguape*, que pertencia a Joel Christino de Medeiros, cuja produção anual era

de 150.000 rapaduras; *Maceió*, de Rosendo Leite, com a produção anual de 80.000 rapaduras; *Boa Vista,* de Cândido da Costa e Silva*,* produzindo 150.000 rapaduras; *Poços*, de Manoel Montenegro Soares (o ioiô), com a produção de 100.000 rapaduras.

Em 1951, Eloy de Souza escrevia um artigo no jornal “A Ordem” sobre os senhores de engenhos do Vale do Maxaranguape, e dizia que a região, em tempos passados, chegava a produzir 50 mil sacos de açúcar de excelente qualidade.

A evolução da produção açucareira no Maxaranguape atingiu o auge nas três primeiras décadas dos anos 1900. O Dr. Juvenal Lamartine, em trabalho publicado em 1952, reporta-se a 50 engenhos nos vales úmidos de Touros, sendo 40 os do rio Maxaranguape. Os engenhos eram divididos, podemos assim dizer, em duas categorias: por tração animal e mão escrava.

Em 1880 e 1888, a mão escrava reduziu e se extinguiu na época de abolição. Em 1861, o governo da Província legislou que os banguês fossem mecanizados. A lei 505, de 7 de janeiro de 1861, isentava os proprietários de engenho do imposto de exportação, para que eles instalassem máquinas a vapor. No entanto, com a redução quase total dos escravos, os engenhos entravam em decadência, desaparecendo sem deixar vestígios. Na atualidade, não restam sinais dessa atividade, uma vez que os engenhos foram engolidos pelas usinas.

23. A HISTÓRIA DA RELIGIOSIDADE

Alguns moradores antigos de Pureza dizem que, antes da construção da primeira capela, os encontros religiosos da Igreja Católica eram realizados no exato lugar onde hoje é a lavanderia. Conta-se que havia uma grande árvore de folhagem espessa, um ingazeiro, onde os fiéis se reuniam para realizar as missas. Em 1906, passaram a se reunir na nova capela, um pequeno casebre de taipa. O antigo lugar passou a ser um matadouro de bovinos para feira local.

Em 1916, a capela agora daria lugar a um novo templo. E foi nesse mesmo período que chegou à Vila de Maxaranguape a imagem de Nossa Senhora, recebendo o nome antigo da Vila, Nossa Senhora da Pureza. A imagem só entraria em Pureza em 1917, depois da construção do templo.

No dia 28 do mês de janeiro de 1987, às 21h00min, realizou-se uma reunião na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Nesta reunião, seria discutido o local da construção do novo templo.

Após a votação, o Sr. João Manoel de Oliveira leu a história da Capela de Nossa Senhora da Pureza, na qual dizia o seguinte: “A Capela tem uma existência de 80 anos, dois meses e 11 dias”, isto é, até aquele dia. Ele prossegue dizendo que a construção da Capela teve início no dia 18 de novembro de 1906, numa segunda-feira, na responsabilidade do Sr. João Riachão.

Em 1916, João Rodrigues do Nascimento, “João Riachão”, trouxe a imagem de Nossa Senhora da Pureza, enviada por padre Cícero. No entanto, por ocasião da reforma da nova capela, a imagem só chegou à Pureza no dia da inauguração do novo templo. Somente foi realizada a primeira procissão em data certa e até o ano de 1977, as festas eram comemoradas em datas alternadas. Porém, no dia 01 de agosto de 1977, foi oficializado pela Lei Municipal nº 95 o dia 08 de setembro como dia da padroeira de Pureza.

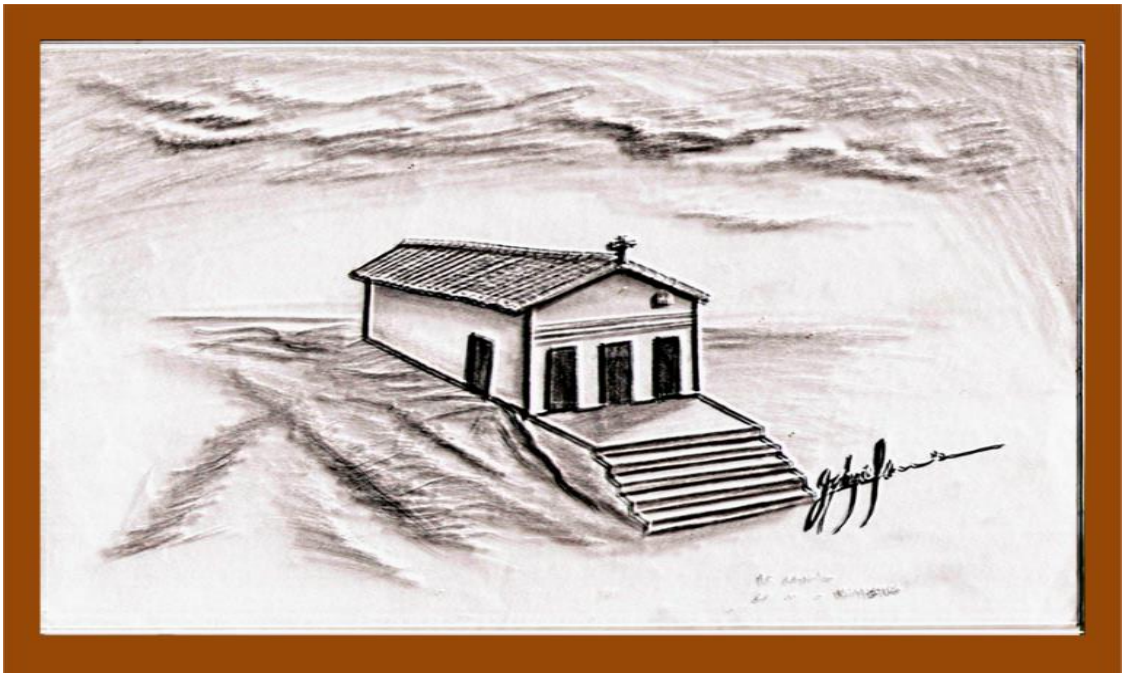
Segundo relatos dos moradores antigos de Pureza e do primeiro relatório produzido pela prefeitura em 25 de julho de 1983, pelo pesquisador Cláudio Ferreira, o nome de Pureza foi sugerido pelo Padre Cícero Romão Batista. O Sr. João Rodrigues do Nascimento, conhecido pela alcunha de “João Riachão”, um dos primeiros moradores na década de 10, na Tapera, e conhecido em Touros pela grande

habilidade de cozinhar, era romeiro e todo o ano viajava (a pé) com outros romeiros para Juazeiro.

No dia 04 de novembro de 1916, João Riachão recebeu das mãos do Padre Cícero uma imagem (segundo relatos, ele tinha contato direto com o padre e lhe contava sobre a fonte existente em Pau-Ferro); como o nome atual não combinaria para colocar na imagem, Padre Cícero sugerira Pureza. Nesta mesma data, enviaram uma carta ao Sr. Joel Christino de Medeiros, dono do engenho Maxaranguape e representante do povoado, solicitando a mudança de nome.

Por motivo da segunda reforma da capela, a imagem ficou guardada na residência do Sr. Alexandre Francisco de Oliveira, na localidade de Baixa do Meio. Apenas no dia 08 de setembro de 1917, em procissão, conduziram-na para a capela, denominando-a, desde então, Igreja de Nossa Senhora da Pureza.

Ilustração da Reconstituição da 1ª Capela de Pureza em 1906



Fonte: Desenho de Jedial Alves

Foto da construção do templo em 1916

Fonte: cronicastaipuenses.blogspot.com

Foto de inauguração do Templo Católico em 1917

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

Foto do Templo Católico reconstruído em 2006

Fonte: http://br.distanciacidades.net

Foto da procissão realizada no dia 08 de setembro de 1977

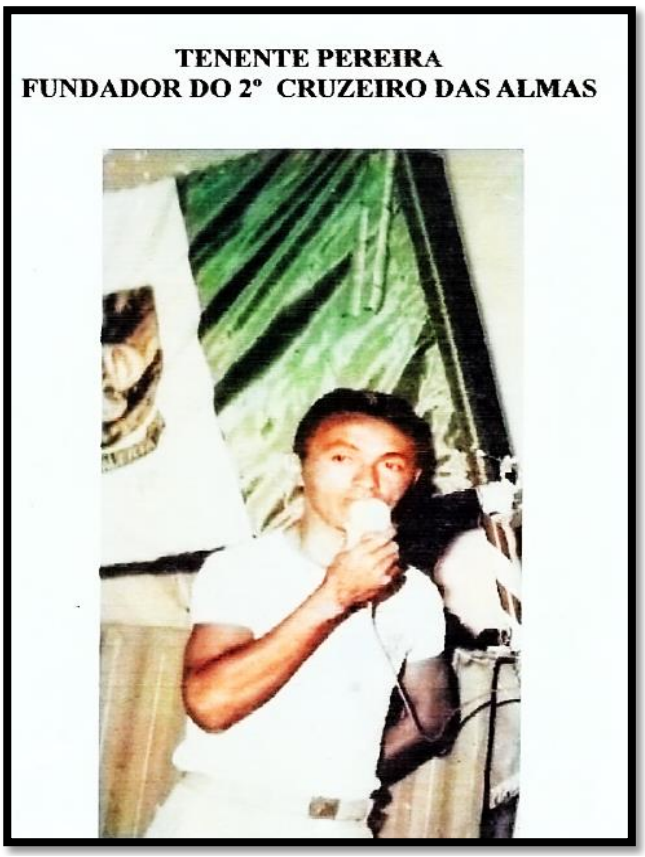
Fonte Francineide Rodrigues

A religiosidade sempre esteve ligada às necessidades básicas da espécie humana por meio de processos criativos que surgem como primeira tentativa de explicar o mundo. O ser humano, ao se deparar com o encantamento do mundo, se indaga sobre a sua existência, a partir do despertar da consciência. Os humanos, ao se confrontarem com o mistério do mundo, desenvolvem o pensamento sobre a sua sacralidade.

O relacionamento com a natureza, a reflexão sobre vida e sobre a morte são grandes mistérios, então, desde a história primitiva, a religiosidade é o domínio de conhecimento constituído para ressignificar o processo da vida através das perspectivas religiosas, lhes dando sentido e direção.

Cruzeiro das almas

O primeiro cruzeiro das almas estava localizado na Rua Joel Christino, assim como o atual, só que em lugar diferente. O primeiro Cruzeiro ficava próximo a Garavelo, no quintal da residência da professora Tereza Farias, onde existia também um pequeno cemitério que teria sido usado poucas vezes.



Fonte: Maria Tibúrcio em 1966

O atual cruzeiro foi construído em 1966 pelo Tenente Pereira, que, na época, era delegado em Pureza. No mesmo ano em que foi construído, precisamente no dia 03 de março, começaram as comemorações do dia de Santa Cruz.

Assembleia de Deus

A fundação da Assembleia de Deus em Pureza ocorreu no dia 15 de outubro de 1950 pelo senhor José Antônio de Figueiredo, com o apoio de sua esposa Maximina Maria da Conceição e também de sua família. Sendo ele o primeiro evangélico a residir em Pureza, que, na época, era distrito de Touros, ainda com o antigo nome de Vila de Maxaranguape.

Vindo de mudança de Araruna, município da Paraíba, Zé Roberto, como era popularmente conhecido, era um homem muito dedicado aos trabalhos de sua denominação. Na época, os irmãos se reuniam para cultuar a Deus na sua própria residência situada na rua Estrada do Jardim, Centro – Pureza/RN. As primeiras pessoas convertidas foram o senhor João Apolônio Delfino e sua esposa Elita Maria Delfino.

A primeira pessoa a ser batizada nas águas foi o senhor Pedro Fogo.

Na sequência, os novos membros passaram a se reunir em uma pequena residência de taipa, onde atualmente é a casa pastoral, situada na Rua Joel Cristino, nº 216, Centro – Pureza/RN. Antes, nesse local, funcionava um pequeno mercadinho, mas a casa estava fechada e pertencia a um dos antigos moradores de Pureza, o senhor Jorge Lucas.

Os irmãos se reuniram com o pastor do campo, ao qual pertencia Pureza, e compraram a casa por Duzentos mil cruzeiros. Com o passar do tempo, João Rodrigues do Nascimento, conhecido como João de Juvino, fez a doação de um terreno onde fora construído o primeiro Templo, doando também um equipamento de som com os amplificadores instalados no telhado que levavam a mensagem de Deus a toda comunidade. Todos estes fatos ocorreram na gestão do segundo pastor José Mendes Pereira da Silva.

Na implantação do evangelho em Pureza, Zé Roberto sofreu algumas perseguições. Segundo ele mesmo contava, alguns moradores jogavam em cima da sua casa folhas de urtigas, o que deixava esposa e filhos bastante apreensivos.

Contudo, por ser uma pessoa pacata aos poucos foi conquistando o respeito e a admiração dos moradores.

Por motivos superiores, Zé Roberto voltou a residir na Paraíba e, nesse tempo, João Apolônio assumiu todos os trabalhos. Ao voltar à Pureza, Zé Roberto permaneceu fixo até os seus últimos dias de vida contribuindo com os trabalhos locais do templo. Evangelizou até o último momento de sua vida.

José Antônio de Figueiredo nasceu no dia 04 de março de 1911 e faleceu no dia 11 de março de 2001.

24.LENDAS E CAUSOS

Em qualquer lugar do mundo, existem histórias criadas, inventadas e reinventadas. O imaginário coletivo faz emergir lendas e casos próprios dos contextos urbanos e rurais. Pureza não é exceção. Seguem exemplos da mística coletiva dos purezenses.

Fonte encantada

O olheiro é o lugar onde se originou Pureza. Toda história começa na taça de pedras que jorra água em abundância. Dizem que toda fonte é forrada de ouro por dentro. Quando se olha com atenção para a água, vê-se o grau da superfície da água cristalina e a impressão é a de visionar um diamante. Uma lenda relacionada ao olheiro reza que todo o ouro escondido nas grutas não pode ser explorado, pois como a fonte é encantada, se tirarem o ouro, o olheiro seca. A fonte de águas cristalinas, como também é conhecida, é um recanto natural belíssimo, rodeado de árvores e de muitas pedras.

A galinha dos pintinhos de ouro

Numa das pedras da gruta, a principal, onde todos os banhistas gostam de pular, esconde-se um tesouro. Por baixo da pedra há uma galinha com muitos pintinhos e todos são de ouro puro. Ela só sai para dar um passeio rápido. Não é fácil vê-la, mais tem gente que garante que já avistou. Quer ficar rico? Se tiver paciência, é só sentar na pedra e esperar.

A mãe d'água

Quem gosta de visitar a fonte, sempre que pode, é a mãe d'água. Mas, como a moçoila é uma visitante ilustre, pouquíssimas pessoas já a avistaram. Dizem que aqueles que viram a bela morena sentada na pedra, penteando seus longos cabelos

negros e compridos, correram tanto que passaram mal. E é fato verídico. No entanto, eles se recusam a falar no assunto. Fazer o quê!

Fogo batatão

Outro que aparecia muito nos primórdios era o fogo batatão. Um fogo abrasador aparecia ao longe fazendo os cabelos de quem o avistasse ficarem em pé. Muitos moradores afirmaram que viam a coisa dentro do mato, mas só de longe. Lá longe, o fogo que subia, ora descia e de repente mudava de lugar.

Redemoinho

Outro ilustre que de tempos em tempos surge é o redemoinho. Um vento muito forte que subitamente aparece e desaparece, levando tudo pela frente. Algumas moradoras disseram que o redemoinho adora uma saia.

Lobisomem

Há também aqueles que juram que em Pureza tinha um senhor e uma senhora que, nas noites de lua cheia, viravam lobisomens. Segundo os purezenses, eles eram pessoas pacatas e não gostavam de conversa.

Porém, há quem conte que esses lobisomens eram casados e o que queriam na verdade era marcar encontros e passarem despercebidos com histórias de virarem bicho.

Os índios que habitavam a fonte

Conta-se que em Pureza morava a tribo indígena Tapuios. Eles chegaram por aqui em meados do século 13. Eram bravos, valentes e, segundo a história, não hesitavam em comer seus adversários.

Quando habitara as nossas terras, ainda não existia o rio, mas muitas árvores frondosas doavam uma sombra maravilhosa, além de apetitosas frutas. No entanto, existia uma árvore conhecida pelo nome de barriguda e no seu tronco, sempre

molhado, escorria um filete de água intermitente. Esse filete de água chegava até as outras árvores, correndo através de pequeninas veias, deixando-as sempre verdinhas.

Os tapuias passavam muito tempo para encher uma cuitê com essa água. Até que um dia, o Pajé resolveu apelar para os deuses da natureza. Chamou toda a tribo e disse-lhes que, na primeira lua cheia, todos iam se enfeitar para a festa de ritual da água. A tribo ficou em polvorosa. Uns cortavam folhas das árvores, outros pegavam urucum e casca do Pau-Brasil para produzir tinta, os homens pescavam, as mulheres cozinhavam. Então, começou a festa.

A tribo dançava, pulava e fazia suas orações. Oravam, pulavam e dançavam. Pulavam, dançavam e oravam. E ficaram nesse ritual por um bom tempo. Horas depois, todos já cansados, viram quando surgiu uma luz muito forte sobre a barriguda e um forte estrondo foi ouvido. Bum!!! O som ecoou pela mata virgem. E na luz da lua, perplexos, viram surgir do chão água em abundância. As águas começaram a descer com muita velocidade, levando tudo o que tinha pela frente e fortes estrondos se ouvia do chão que parecia estar sendo rasgado. Todos correram assustados. A tribo tapuia ouvia mais do que via. Ouviam árvores quebrando, pedras rolando e as águas avançando mata adentro. Todos escondidos, não ousavam mais voltar.

Pela manhã, os mais idosos e os guerreiros da tribo foram ver o que de fato ocorreu. Um caminho aguacento e tortuoso. Era um rio. Uma água transparente saia debaixo de pedras enormes. A barriguda como por encanto foi elevada, ficando no ponto mais alto daquele mundão de água. E até hoje ela ainda está no mesmo lugar.

Os índios percorreram o rio, andaram bastante e perceberam que suas águas brilhantes formaram um caminho sinuoso como um corpo de uma serpente. Batizaram-lhe, então, como Boixununguape de mboixinun-guapé – nome indígena que designa a grande serpente. Maxaranguape em português. Assim, surgiu o Rio Maxaranguape.

O ouro da hora

Um velho morador de Pureza residia bem próximo à fonte. Era mercador de ouro. Mas não era qualquer ouro não. Era o ouro da hora. Ele saía gritando pelas ruas.

– Compre o ouro da hora e fique rico!

Em Pureza, é claro, ninguém comprava esse bem tão precioso, pois já sabiam da raiva que iam ter. Mesmo assim, os purezenses deixavam-no quieto. Porém, nos distritos e nas cidades próximas, quem não conheciam o velho mercador, comprava como se comprasse bananas.

Uma dessas compradoras de porta era a dona Joaninha, moradora de Bebida-Velha que, neste dia, comprou um monte de ouro da hora. Guardou seu tesouro para comprar umas cabecinhas de boi. O tempo passou e quando ela precisou, notou que seu precioso ouro, douradinho e brilhoso como os raios de sol, ficaram pretinhos que nem tirna de panela. Dona Joaninha danou-se. E numa oportunidade que o velho ia passando bem em frente à sua casa com seus gritos animados, dona Joaninha tirou-lhe a terreiro, dando uma brigada considerável no velhote que, pacientemente, ouvia seus reclames, explicando-lhe em seguida a enraivecida Dona Joaninha.

- Mas, por que a raiva dona Joaninha? Por acaso eu lhe falei com alguma mentira? Disse com a cara mais lavada que tinha.

- Eu gritei pra todo mundo não foi? Quem quer ficar rico, compre o ouro da hora. Ouro da hora dona Joaninha. A senhora ficou rica na hora que comprou o ouro não foi? Depois dona Joaninha, depois é outra história. E saiu gritando seu bordão.

A Iara e eu

Dizem por aí que algo estranho aconteceu na fonte anos atrás. Geralmente, os rapazes sarados de Pureza jogavam uma bolinha à noite num campinho que não tinha cara de campo. Mas, a galera ia todinha. Bola vai, bola vem, terminava o jogo e todos iam se refrescar nas águas mornas da fonte.

Certa noite, após uma partida, já bem tarde da noite, quando já não queriam mais falar das meninas bonitas de Pureza, decidiram tomar banho. Tempos depois, alguns moçoilos resolveram ir para a casa, no entanto, três deles resolveram permanecer. Ainda não queriam sair da água morninha da fonte.

Lá pelas tantas, um deles se despediu dizendo que ia pegar cedo no batente. Os outros ainda animados continuaram arrazoando. O tempo passou mais um bocadinho e um dos fulanos sentiu que deveria procurar a moitinha e depressa. Pediu licença ao amigo e correu, subindo os degraus de dois em dois (se a perna fosse maior tinha subido num pinote só).

O rapazote que ficou, decidiu mergulhar. Deu uns pulos da pedra protuberante e redonda que fica quase no meio da fonte. E pula daqui e pula dali e pula de lá, no terceiro mergulho ouviu alguém lhe chamando. Era uma voz de mulher. Uma voz doce e delicada. Opa! Ele pensou. Deve ser ou Pulçuruca ou cacimba doce (meninas da casa da alegria). Saiu aos pulos de dentro da fonte, correndo até a entrada principal e nada viu. Que estranho, pensou ele. E foi mais adiante achando que a voz vinha do outro lado do rio. Então, novamente o chamaram: Amorzinhoooo.

Ô voz linda da peste. Pensou. Pulçuruca e cacimba doce são feias de doer e não tem essa voz de veludo. Deve ser elas não, arrazoou o mancebo. E voltou para fonte. Mas qual não foi sua surpresa ao deparar-se com cena mais encantadora. Sentada na pedra redonda estava a criatura mais bela que seus olhos mortais já tinham visto. Com um pente de ouro na mão esquerda, o anjo de cabelos negros o aprisionou com seus olhos cor de mel. Com a mão direita o chamava. Seus lábios encarnados como sangue entreabriram-se mais uma vez para lhe chamar. Venha, meu príncipe.

Nesse momento, o amigo que tinha ido aliviar o intestino apareceu e quando viu a aparição gritou. – Corre Luís que isso é o capeta. De repente o rostinho angelical transformou-se num ser nefasto e horripilante. Soltando um grito horrível para fazer defunto se revirar no túmulo. E o nosso amigo? Correu tanto, obrou-se tanto, desmaiou tanto e é tanto que até hoje não tem ninguém que o faça voltar na fonte.

25.PUREZA TRADUZIDA EM VERSOS DE POESIA

Poesia de Francisco Ivo de Melo

Francisco Ivo de Melo, ou Seu Ivo, como era conhecido, é um grande poeta. Talvez, não reconhecido pelos moradores da cidade de Pureza que, infelizmente, seguem os passos contemporâneos e não sabem mais o que é uma boa literatura. Esse ilustre senhor era um amante das belezas naturais de nossa cidade.

Desde que se mudara para Pureza, adotou-a no coração e passou a amá-la mais que seus próprios filhos, segundo suas palavras. Tem uma vasta coleção de belas poesias onde propaga o amor que tem por este maravilhoso cantinho do Brasil.

NOTA: antes do lançamento deste livro, seu Ivo faleceu. Mas, fica a lembrança de um homem exemplar que colocava nas palavras seus sinceros sentimentos. Seguem duas de suas principais produções poéticas: “Olheiro” e “Pureza cidade minha”.

OLHEIRO

Amante da natureza.
Um lago ardente... lago suave!
Ao quente afago na fonte fria...
E o prazer que dá? Ao doce
Influxo no clarão do dia.
Mergulhar na fonte.
Quando em fogo o teu olhar transborda.

Teu riso penetra n’alma.
Verás a terra.
Deus fez virgem fonte,
O negro monte:
Para o bardo triste!
O junco exausto que cedera uma enchente.

Que inunda a fonte,
Onde levanta com águas
Térmicas e cristalinas.
Com o sol de janeiro,
Já visto tantas vezes

Com um raio suave!...

Murmura uma relva:
Que inunda o vale,
O matagal. E o veiga?
Como a luz é meiga
Com harmonia que se chama:
“ORQUESTRA SANTA”.

PUREZA CIDADE MINHA

Viajando.
Agora sei a beleza do mundo.
Vejo que a vida não é sonho:
Mas o mundo é um só.

Entre a linha do equador
Florescem,
E o céu azul desaba sobre mim.
Saio de Touros, para morar em Pureza.

Bravo!
O dia inclina-se.
Beber a água da fonte onde
Doam as luzes da cidade
Tudo é eterno: e fabuloso!!!

Poesia de Eudes Medeiros Costa

Eudes Medeiros Costa nasceu em Caicó/RN, em 16 de fevereiro de 1956. Sendo filho de Bolívar Ângelo da Costa e de Joanna Netta de Medeiros, descendentes de agricultortes, dividia sua vida entre trabalho e escola juntamente com seus seis irmãos.

Em 1980, deixa a casa paterna para trilhar sua vida no interior de São Paulo, retornando dois anos depois para o Rio Grande do Norte. Mas, dessa vez, para a capital do Estado. Trabalhando em Natal, conheceu a jovem Maria Aguiar, que passaria a ser sua esposa em 1987, com quem teve dois filhos: Priscila Rayane Aguiar Costa e Dimas Eliasim Aguiar Costa.

Em 1993, começou a trabalhar com vendas, onde veio a conhecer a cidade de Pureza, cidade de gente pacata e hospitaleira e sua futura morada em 1999.

Em 2002, passou num concurso público para servidor municipal na função de Agente de Saúde, função que exerce até os dias de hoje.

O amor pela poesia iniciou muito cedo na infância, ouvindo seu pai lendo folhetos de cordel. Escutando os cantadores, Eudes aprendeu as canções e a brincar com as palavras. A partir daí, não parou mais. Seu amor pela cultura somente fez crescer e hoje enaltece com poesias suaves e repentes animados sua tão doce e amada Pureza.

A VOZ DO OLHEIRO

Sou filho da natureza
Só não sei a minha idade
Por isso peço respeito
Por parte da humanidade
Não mate a mãe natureza
Não me deixe na orfandade

Não façam essa crueldade
Jogando lixo em meu leito
Se poluir minhas águas
Eu vou morrer não tem jeito
Motivo do qual eu peço
Do ser humano respeito

Sei que vocês têm direito
Em minhas águas se banhar
Mas também tem o dever
Vim aqui me preservar
Sem essa preservação
Um dia vou me acabar.

FILHO DO CORAÇÃO

Quanto é belo seu olheiro
Com suas águas cristalinas
És tu uma bela menina
Com teu amor verdadeiro
Parece que o mensageiro
Do altar da criação
Veio aqui com uma missão
Trazer a felicidade
Eis tu Pureza a cidade
Que guardo em meu coração

Olhando teus belos campos
Os teus lindos coqueirais
Teus verdes canaviais
Entre eles os pirilampos

Que em forma de uns relâmpagos
Também mostram seu clarão
No campo da imensidão
Eles voem em liberdade
Eis tu Pureza cidade
Que guardo em meu coração

Foi de Pau Ferro chamada
No inÍcio da sua história
Guardo isso na memória
Ouvi sua histÓria narrada
Naquela época passada
Veio os homens do Sertão
Pra cultivar esse chão
E plantar a simplicidade
Eis tu Pureza cidade
Que guardo em meu coração

No ano sessenta e três
Foi de Touros desmembrada
Pureza emancipada
Pra alegria de vocês
Quinto dia o quarto mês
Desta comemoração
O peito sente emoção
E o prazer da liberdade
Eis tu Pureza cidade
Que guardo em meu coração

Também vindo do Seridó
Estou aqui hospedado
E digo a Deus obrigado
Não quero canto melhor
Não sou filho deste pó
Nem me criei neste chão
Tenho você como irmão
Pra minha felicidade
Eis tu Pureza cidade
Que guardo em meu coração

Quando cheguei neste canto
Visitei os seus distritos
E achei todos bonitos
Parece até um encanto
Só sendo mesmo um santo
O Padre Cícero Romão
Que mandou por João Riachão
Nossa santa de bondade
Eis tu Pureza cidade
Que guardo em meu coração

Existem várias expressões de estilos que se apresentam na literatura popular brasileira, seja oral ou escrita, trazendo a história e a memória do nosso povo, tais como: cantorias, repentes, poesias, cordéis, sonetos, outras modalidades. De modo especial, os versos improvisados são uma arte que se destacou no meio rural do Nordeste, especificamente no sertão, e que aos poucos vêm conquistando público das grandes cidades.

A poesia popular chegou no Nordeste brasileiro através da colonização e da escravidão. Os nordestinos aprimoraram essa arte imprimindo-lhes características próprias, por isso, a cultura nordestina é uma prática social consagrada através dos tempos pela tradição sendo transmitida de geração a geração.

O objetivo dessa sessão foi exaltar as rimas dos poetas purezenses ao destacar a representatividade da cultura regional e da identidade encantadora do povo nordestino em seus versos.

26.CENTRO CULTURAL MARIA LETICE SILVA DO NASCIMENTO

O Centro Cultural, localizado ao lado do Palácio Onofre Soares, sede do poder executivo municipal de Pureza, foi inaugurado no dia 22 de maio de 2019, com o objetivo de se constituir em espaço público para a preservação da cultura purezense. O centro funciona como uma casa de cultura que oferece aos usuários um ambiente criativo e dinâmico de contato com o patrimônio imaterial do município.

Foto do Centro Cultural Maria Letice Silva do Nascimento em 2021

Fonte: Tarcicleide Batista de Figueiredo

As peças culturais em exposição compreendem uma diversidade de acervo expressos a partir de música, cenários simulados, documentos, livros, bandeiras, entre outros. A vivência no Centro Cultural, além de possibilitar aos cidadãos o acesso à biblioteca municipal e ao pequeno memorial local, cria oportunidades para que os artistas locais possam expor a sua arte, poesia e demais criações.

Com o lema “Um olhar sob a perspectiva de ontem para o desenvolvimento do hoje e do amanhã”, o Centro Cultural recebe o nome da ilustre moradora purezense,

Maria Letice Silva do Nascimento, filha do primeiro vice-prefeito de Pureza, o sr. João do Nascimento.

A homenageada, além de vereadora, foi professora na Escola Estadual Maria Antônia e fundadora das práticas pioneiras de arte, dança e de teatro em Pureza. A distinta gestora e professora é merecedora da homenagem, pois, com paciência e amor ensinava às crianças e adolescentes purenzenses a atuarem no palco a partir de encenações, músicas, poesias e também do humor circense.

O Centro Cultural Maria Letice, ao nascer em 2019, deu vida ao desejado sonho de desenvolvimento cultural para o povo purezense, por meio da preservação da memória e da história, possibilitando importantes conexões entre o tempo passado e o presente.

Os munícipes de Pureza agradecem à gestão municipal do prefeito João da Fonseca Moura Neto e do vice-prefeito Francisco Kayrim Medeiros da Silva, pela fundação desta casa de cultura que representa uma alternativa segura e funcional para a preservação do patrimônio imaterial da cidade.

27.CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manuscrito revela que, no contexto das grandes secas (1793-1796 e 1877-1879), agricultores desesperados com as dificuldades de sobrevivência deixaram as suas terras, as suas residências e foram em busca de outro lugar para sobreviver. Pessoas que largaram tudo sem ao menos saber o que poderia acontecer, como seria o futuro, o que lhes aguardava em terras estranhas. Para esses agricultores emigrantes, Pureza foi uma grande mãe que agregou em seu seio aqueles que, com sede e fome, procuravam por um abrigo.

No cenário após os referidos contextos, implantaram-se, também, em Pureza, os senhores de engenhos que introduziram no município o aprimoramento do uso da força animal e a prática da mão de obra escrava. Esses senhores, favorecidos pelo ciclo econômico da cana de açúcar, passaram a possuir latifúndios de terras. Dentre as transformações ambientais desse contexto, é importante destacar o desmatamento. Tal movimento foi denunciado por meio do grito de liberdade, por homens como Olavo Lacerda Montenegro, Onofre Soares Júnior e outros.

Ao longo da história, o nome do município de Pureza passou por alterações. O lugar era reconhecido inicialmente como Pau Ferro, desde os anos de 1800, em função da grande quantidade desse tipo de árvore ao redor da fonte. Dentre as diferentes designações atribuídas ao município, tomamos registro por Pau Ferro, Povoação da Pureza, Pureza, Vila de Maxaranguape e Pureza. A definição do último nome foi condicionada pela existência da fonte enquanto local rodeado de pedras que abriga água pura em abundância.

Para encerrar a pesquisa da história local de Pureza apresentada neste livro on-line, escolhemos exaltar o principal cenário onde culmina a dinâmica da cidade: a fonte, também conhecida como o olheiro!!! Um lugar maravilhoso, de perfume cítrico, naturalmente com cheiro de verde e gosto adocicado. Essa mistura de sentidos nos encanta. Sempre pronta para receber pessoas, faceira e fogosa! É agradável senti-la, adentrar e tocar.

Sobre a experiência do banho, no primeiro momento, é garantido o impacto da temperatura da água cristalina; depois, o relaxamento é garantido a partir de seu constante balancear. A fonte diverte e enche de energia boa todos que a tocam. Aí é

que ela se envaidece, se engrandece. Seu desassossego é o sustento de muitos. Infelizmente, muitos usuários desse paraíso ambiental são indelicados, desarrumados, barulhentos, insensíveis e desrespeitosos. É comum a deixarem suja, maltratada, fétida. Isso magoa os filhos de Pureza, fere, entristece. Por que não cuidar dela? Será que não veem que é ser com vida?

Em tempos de globalização, os espaços e as distâncias estão cada vez menores e a cultura se torna cada dia mais plural. Valorizar o "Local" é uma forma de resgatar a identidade dos povos para manter suas tradições. O manuscrito, a partir de pesquisa de campo no município de Pureza, busca colaborar com a valorização da História Local, beneficiando a sociedade purezense, de maneira geral, e, principalmente, os estudantes da Educação Básica, uma vez que conhecer sobre a história do município é um conteúdo importante e necessário para a cidadania. A escola que estuda sobre a história local desenvolve integralmente os seus aprendentes.

Acreditamos que a História Local do município de Pureza revelada neste manuscrito se configura, sobretudo, como um valioso instrumento metodológico para o ensino de história nas escolas. A abordagem dos conteúdos a partir da história local possibilita a produção da conscientização acerca do saber crítico dos educandos, bem como permite a efetivação da formação para a cidadania, uma vez que o objeto de estudo celebrado no currículo da escola se apresenta como familiar aos aprendentes pela proximidade com a realidade de suas vidas.

A experiência desenvolvida com o trabalho de campo no município de Pureza oportunizou o conhecimento sobre os principais problemas que a comunidade enfrenta, ressaltando questões sobre educação, lazer, história, aspectos arquitetônicos, culturais, políticos, religiosos e econômicos.

É importante registrar algo surpreendente que foi percebido durante a elaboração deste trabalho: a credibilidade atribuída pelas entidades e moradores purezenses às pesquisadoras e à Editora FAMEN, responsáveis pela organização e publicação do manuscrito.

Por fim, chamamos a atenção para a importância da expansão de iniciativas como esta para os vários outros municípios do Rio Grande do Norte. É de suma importância conhecer e compreender as memórias e as lutas do povo potiguar. Conforme afirma o campo da Antropologia Cultural, a sociedade é uma organização

dinâmica, então, faz-se necessário que o trabalho seja continuado sempre com o cuidado de avaliar os achados da pesquisa de campo para além de suas aparências.

REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE PUREZA. **Arquivo Morto 1964 a 1988**.

CASCUDO, L. da C. **História do Rio Grande do Norte.** Serviço de Documentação, 1955. p. 357-510.

CASCUDO, L. da C. **Nomes da Terra**: toponímia do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, 1968. p. 237, p. 257-258.

DIÁRIO OFICIAL. **Arquivo da Câmara Municipal de Pureza**. 10 de abril de 1963.

DIÁRIO OFICIAL. **Instituto Histórico e Geográfico de Natal**. 31 de outubro de 1938. Instituto Histórico e Geográfico de Natal.

FEMENICK, T. R. **Gazeta do Oeste**. Mossoró, 28 jan. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2007**. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE NATAL. **Lei e Decretos**. Departamento Estadual de Estatística de 1943. Instituto Histórico e Geográfico de Natal. p.111-115.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE NATAL. **Livro**: Decretos – Governo do Estado, 1891. p. 155.

JÚNIOR, C. S. **Arquivo particular de fotos 1928 – 1964**. Pureza, RN.

LOPES, F. Índios Tapuios. **O Jornal de Hoje**. Natal, 29 jan. 2007.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. **Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios**.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL. **Diagnóstico do município de Pureza**: Rio Grande do Norte projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**.** Setembro/2005.

MORAIS, M. C. C. de. **Terras Potiguares**. [s.l.: s.n.], 1998. 237 p.

Olavo L. M. Um deputado combativo. **Sobre Tudo**. Disponível em: Blogdofernandocaldas.blogspot.com.

PATRIOTA, L. **Folha do Mato Grande**. 2001.

PATRIOTA, N. **Touros**: uma cidade do Brasil**.** Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2000. 48 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PUREZA. Secretaria Municipal de Educação - Pureza/RN, 2008.

PUREZA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2008. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pureza.

SANTOS, José L. **O que é cultura?** São Paulo: Cortez, 1993.

SANTOS, P. P. dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte (do século XVI ao século XX)**. Natal: Clima, 1994.

SEAL, S. M. **A luz da verdade**. [s.l.: s.n.],1983. 63 p.

SENNA, J. G. de. **Ceará-Mirim Exemplo Nacional** - 1938/1972, v. 1. p. 128.

SILVA, A. F. da. **Bandeiras do Rio Grande do Norte**. [s.l.: s.n.], 2008.

SILVA, J. A. **Artista Plástico**. Pureza, 2008.

PÓSFACIO

Francinaide de Lima Silva Nascimento

"Todos nós julgamos a História quando apenas escrevemos para a História". Com esta célebre frase, o historiador e folclorista potiguar, Luís da Câmara Cascudo, legou-nos suas reflexões sobre a escrita da história. E nos impeliu à historiografia. É nesse sentido de documentação para o futuro que o livro **Pureza: um pedacinho do Brasil** inaugurou reflexões pertinentes sobre o referido município do estado do Rio Grande do Norte.

A exemplo dos ensinamentos do mestre Cascudo, os historiadores contemporâneos voltam-se aos fatos cotidianos e citadinos enquanto testemunhas. E, nessa condição, cabe-nos o registro. Em um esforço de reunir documentos, ir a acervos e fontes, também é evidente o desafio da escrita da história dos vários municípios potiguares, tal como o fizeram nossos antepassados. Enquanto pesquisadora, em atividade de busca por fontes no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHGRN, sempre provocou-me a curiosidade pela Coluna do Jornal *A República* denominada "Pelos Municípios". Nesta, os editores do jornal republicano do início do século XX informavam seus leitores sobre os aspectos da vida social, cultural e educacional das cidades norte-rio-grandenses. Um deleite aos curiosos, sem dúvida. Na atualidade, cabe-nos o registro crítico, sério e delicado. Um árduo trabalho.

Em **Pureza: um pedacinho do Brasil** temos um encontro com a riqueza da história do município, encantamo-nos com suas belezas naturais advindas da nascente do Rio Maxaranguape e somos presenteados com o reconhecimento da vida simples de um povo forte. É assim que conhecemos a origem do município, as mudanças em seu nome e a história de seus primeiros habitantes: os povos indígenas tapuios.

Dentre os aspectos históricos e geográficos, encontramos um realce aos vultos políticos. Nesse tópico, há um destaque aos primeiros prefeitos: José Felinto de Medeiros, primeiro nomeado interinamente, e Onofre Soares Júnior, primeiro eleito. Posteriormente, diversos nomes sucederam a gestão municipal. Entre esses, destaco

o da prefeita Josefa Rodrigues, primeira mulher a assumir o mais alto cargo político do município de Pureza.

No tocante à educação, é evidente os esforços por uma oferta de instrução inicialmente dada pelas professoras Maria Antônia Freire e Maria Andrade nos idos de 1920. E do professor Antônio Gabriel já na década de 1930. É oportuno registrar, ainda, a presença e contribuição à educação purezense das professoras Maria Magil Ferreira, Judite dos Santos, Conceição Neto, Maria José Tibúrcio e Armanda Formiga.

De modo análogo, a primeira instituição escolar foi registrada nos anos 1940, com a instalação da Escola Rural Doutor José Augusto Varela, datada de 14 de dezembro de 1947, uma homenagem ao então Governador do Rio Grande do Norte: José Augusto Varela.

Pureza: um pedacinho do Brasil é, certamente, um livro precursor de tantas outras obras que elucidam histórias dos legados municipais potiguares. Um manancial de águas límpidas emanando fatos de outrora. Um exemplo a ser perpetuado e seguido por outros entusiastas da história e da historiografia norte-rio-grandense.

ÍNDICE REMISSIVO

ASPECTOS GEOGRÁFICOS
CENTRO CULTURAL MARIA LETICE SILVA DO NASCIMENTO
FEIRA LIVRE, COMÉRCIO E TURISMO
FESTAS POPULARES E RELIGIOSAS
GESTORES MUNICIPAIS
HINO CÍVICO
HISTÓRIA DO NOME DO MUNICÍPIO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
HISTÓRIA DO ESPORTE
LENDAS E CAUSOS
MUNICÍPIO DE PUREZA
ORIGEM DO NOME DAS RUAS
PATRIMÔNIO IMATERIAL
PUREZA TRADUZIDA EM POESIA
PRIMEIROS HABITANTES INDÍGENAS
SIGNIFICADO DO BRASÃO MUNICIPAL
TRABALHO DE CAMPO

SOBRE AS AUTORAS

Tarcicleide Batista de Figueiredo

E-mail: katiucefigueiredo2017@gmail.com

Nascida em 23 de dezembro de 1975 em Natal, Tarcicleide Batista de Figueiredo teve parte de sua infância vivenciada com histórias da cidade de Pureza repassadas por seu avô paterno, o eterno “Pixilinga”. Aprendeu a ler e a escrever aos 5 anos. Aos 9 anos iniciou sua escrita na poesia, mas infelizmente a experiência inicial fora destruída por conter sua primeira “apaixonite”. Nesse momento, ela odiou a escrita, e somente voltou a escrever na 5ª série com o seu professor de português, Cleonilson Clementino Fonseca que incentivava seus alunos na produção de livros e poesias. Seu primeiro livro infantil (Iuri viajando pelo universo) foi exposto na semana de Ciências na Escola Estadual Interventor Ubaldo Bezerra de Melo, o que a deixou entusiasmada para reescrever suas poesias. A partir daí, ela não parou mais, no entanto, suas produções literárias sempre foram voltadas a história do município que é sua grande paixão. Em 2010, lançou seu livro “Pureza: um pedacinho do Brasil” e em 2014 produziu cadernos de atividades do 1º ao 9º para os professores trabalharem o conteúdo do livro em sala de aula. Também produz músicas e poesias, além de ser a autora do Hino Cívico de Pureza. Atualmente é Coordenadora do Centro Cultural que abrange também as coordenações da Banda Sinfônica, Coral Infantil, Museu, Biblioteca Pública e o programa Jovem Monitor Cultural. É Pedagoga pela UFRN (2007), Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica (2009) e Pós-Graduada em Educação Inclusiva e Libras pela Faculdade FAMEN (2021). C.Lattes: http://lattes.cnpq.br/0551712330634051.

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br

Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal. Doutorado e Mestrado em Ciências da Educação pela UFRN. Pedagoga, Psicopedagoga e Jornalista pela UFRN. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde realiza atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. No IFRN, atua como Professora do Programa de Pós-Graduação Acadêmica (PPGEP/IFRN), do Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF/IFRN) e dos Cursos Superiores de Graduação. Coordenadora Institucional do Programa Pibid/IFRN, financiado pela agência de fomento CAPES, no período de 2013 até 2018. Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica/IFRN, financiado pela agência CAPES, de 2018 até o ano corrente. Coordenadora do Projeto de Extensão "Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN" desde 2017. Membro dos Grupos de Pesquisa vinculados ao CNPQ: "Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" (ECOS), da UFRN e "Observatório da Diversidade" (ObDiversidade), do IFRN. No Jornalismo, integra a equipe de redação e de reportagem dos veículos de comunicação "Potiguar Notícias" (jornal eletrônico) e "PNTV" (TV digital). As atividades profissionais realçam proximidade com os objetos de pesquisa: Formação Profissional de professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Comunicação, Educação Escolar e Não-Escolar. C.Lattes: http://lattes.cnpq.br/5187018279016366.

2021
Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando os títulos informados em nosso site
(https://www.editorafamen.com.br) contactar com a Editora FAMEN:
Tel: (0xx84) 3653-6770
editora@famen.edu.br

A **Faculdade Metropolina Norte Riograndense (FAMEN)** é credenciada pela **Portaria nº 665/MEC**, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019. Entre as atividades vinculadas à oferta de Ensino Superior, a Faculdade disponibiliza os serviços acadêmicos da **EDITORA FAMEN,** que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e de repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A **EDITORA FAMEN** é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e áreas afins por meio de plataforma on-line. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o **www.editorafamen.com.br.**

A **EDITORA FAMEN** realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada que se baseia nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

O *e-book* intitulado “**Pureza: um pedacinho do Brasil**” tem for finalidade socializar uma pesquisa de campo de inspiração antropológica cultural sobre o patrimônio imaterial do município de Pureza no Rio Grande do Norte (RN). O livro digital apresenta ricas reflexões sobre os aspectos históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos e educacionais do município.

O conteúdo do *e-book* realça um procedimento investigativo que partiu da vivência das autoras com o município de Pureza e dos desafios impostos pelo componente curricular “Metodologia Científica” na experiência do curso de Pós-Graduação em “Educação Inclusiva e Libras” da Faculdade FAMEN.

De modo geral, visa colaborar com o estudo e a valorização da história local de Pureza/RN, visionando contribuições, sobretudo, para a formação cidadã dos estudantes das escolas públicas purezenses, que poderão acessar as constatações da pesquisa gratuitamente e democraticamente a partir do site **www.editorafamen.com.br.**

Os capítulos sinalizam olhares e perspectivas sobre a história local de Pureza, constituindo-se em um referencial seguro para a compreensão deste patrimônio imaterial entre os leitores interessados.

Nas argumentações dos capítulos, as autoras compartilham ideias que tributam para o desenvolvimento de aspectos históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos e educacionais do município.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial. História local. Antropologia cultural. Pureza. Rio Grande do Norte. Brasil.